



GOVERNO DO  
ESTADO DO CEARÁ  
*Secretaria do Planejamento  
e Gestão*

# Indicadores Econômicos do CEARÁ 2012

GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ  
SECRETARIA DO PLANEJAMENTO E GESTÃO - SEPLAG  
INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ - IPECE

# Indicadores Econômicos do CEARÁ 2012

Fortaleza-CE  
2014

## **GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ**

Cid Ferreira Gomes – **Governador**

### **SECRETARIA DO PLANEJAMENTO E GESTÃO (SEPLAG)**

Eduardo Diogo – **Secretário**

### **INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ (IPECE)**

Flávio Ataliba F. D. Barreto – **Diretor Geral**

Régis Façanha Dantas – **Diretor de Estudos Sociais**

Adriano Sarquis Bezerra de Menezes – **Diretor de Estudos Econômicos**

### **COORDENAÇÃO**

Adriano Sarquis Bezerra de Menezes – **Diretor de Estudos Econômicos**

### **ORGANIZAÇÃO**

Alexandre Lira Cavalcante

Klinger Aragão Magalhães

### **ELABORAÇÃO**

#### **Parte 1 – Resumo dos Indicadores**

Alexandre Lira Cavalcante

#### **Parte 2 – Análise detalhada dos Indicadores**

1. Contas Regionais - Nicolino Trompieri Neto
2. Agropecuária - Klinger Aragão Magalhães
3. Indústria - Witalo de Lima Paiva
4. Serviços - Alexandre Lira Cavalcante
5. Comércio Exterior - Ana Cristina Lima Maia e Marlene Guilherme Mindêllo
6. Mercado de Trabalho - Alexandre Lira Cavalcante
7. Finanças Públicas - Paulo Araújo Pontes e Maurício Cabrera Baca

**Colaboração:** Gabriel Diniz Figueiredo - Estagiário

#### **Indicadores Econômicos do Ceará 2012**

Fortaleza, Ceará, IPECE, 2014

Autores: Alexandre Lira Cavalcante, Klinger Aragão Magalhães.

**ISBN: 978-85-98664-24-8**

1 - Ceará. 2 - Indicadores Econômicos. 3 - Finanças Públicas.

4 - Agricultura, Indústria, Comércio, Mercado de Trabalho.

A. I - Título.

Tiragem: 1.000 exemplares. 97 páginas: grafs. tabs.

Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE)  
End.: Centro Administrativo do Estado Governador Virgílio Távora  
Av. General Afonso Albuquerque Lima, S/N – Edifício SEPLAN – 2º andar  
60830-120 – Fortaleza-CE  
Telefones: (85) 3101-3521 / 3101-3496 - Fax: (85) 3101-3500  
[www.ipece.ce.gov.br](http://www.ipece.ce.gov.br) - [ouvidoria@ipece.ce.gov.br](mailto:ouvidoria@ipece.ce.gov.br)

# APRESENTAÇÃO

O Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE) apresenta a terceira edição do Livro Indicadores Econômicos do Ceará. Esta nova publicação aborda o desempenho da economia cearense entre anos de 2008 a 2012, ampliando o leque de produtos e a disponibilidade de informações oferecidas à sociedade.

Como na edição anterior, o livro traz uma avaliação de indicadores selecionados para os grandes setores econômicos, Agricultura, Indústria e Serviços, além de análises sobre as contas regionais, o mercado de trabalho, o comércio exterior e as finanças públicas estaduais.

O Livro Indicadores Econômicos do Ceará 2012 permite uma avaliação de curto e médio prazo para economia cearense a partir dos indicadores selecionados. Análises detalhadas são realizadas para cada um dos setores e áreas abordadas, respeitando a seguinte ordem: Contas Regionais, Agronegócio, Indústria, Serviços, Comércio Exterior, Mercado de Trabalho e Finanças Públicas. Por fim, têm-se as considerações finais.

Os dados utilizados são em sua maior parte originários de fontes oficiais, tais como Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), Secretaria de Fazenda Estadual (SEFAZ/CE), dentre outras que serão apresentadas ao longo do texto.

Com mais esta obra, dedicada à sociedade cearense, o IPECE segue sua trajetória contribuindo para uma correta leitura da realidade estadual e para um melhor conhecimento dos avanços conquistados nos últimos anos e dos obstáculos que ainda desafiam o Ceará em sua trajetória de desenvolvimento. Boa leitura!

Flávio Ataliba Flexa Daltro Barreto

**Diretor Geral do IPECE**



# SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	03
<b>PARTE I - RESUMO DOS INDICADORES</b> .....	07
<b>PARTE II- ANÁLISE DETALHADA DOS INDICADORES</b> .....	10
<b>1. CONTAS REGIONAIS - Nicolino Trompieri Neto</b>	
1.1 Produto Interno Bruto.....	11
1.2 Estrutura Setorial da Economia.....	17
<b>2. AGRONEGÓCIO - Klinger Aragão Magalhães</b> .....	23
2.1 Produção de Grãos.....	24
2.1.1 Produção de Milho.....	28
2.1.2 Produção de Feijão.....	32
2.1.3 Produção de Arroz.....	34
2.1.4 Demais Grãos.....	35
2.2 Fruticultura.....	36
2.3 Outras Culturas.....	38
2.4 Pecuária.....	38
<b>3. INDÚSTRIA - Witalo de Lima Paiva</b> .....	41
3.1 Indústria Geral.....	42
3.2 Indústria de Transformação.....	45
3.2.1 Produção Física.....	45
3.2.2 Comércio Exterior da Indústria.....	48
3.2.3 Empregos na Indústria.....	51
<b>4. SERVIÇOS - Alexandre Lira Cavalcante</b> .....	53
4.1 Evolução das Vendas do Comércio Varejista.....	53
4.1.1 Varejo Comum.....	53
4.1.2 Varejo Ampliado.....	56

4.2 Análise do Varejo no Contexto Nacional.....	58
4.3 Análise Setorial do Comércio Varejista.....	61

**5. COMÉRCIO EXTERIOR** - Ana Cristina Lima Maia e Marlene Guilherme Mindêllo

5.1 Balança Comercial.....	65
5.2 Exportações por Produtos.....	68
5.3 Exportações por Países de Destino.....	70
5.4 Exportações por Fator Agregado.....	71
5.5 Exportações por Setores de Contas Nacionais.....	72
5.6 Importações por Produtos.....	73
5.7 Importações por Países de Origem.....	74
5.8 Importações por Fator Agregado.....	76
5.9 Importações por Setores de Contas Nacionais.....	76

**6. MERCADO DE TRABALHO** - Alexandre Lira Cavalcante

6.1 Evolução do Emprego Formal.....	78
6.2 Análise Regional do Emprego Formal.....	79
6.3 Análise Setorial do Emprego Formal.....	83

**7. FINANÇAS PÚBLICAS** - Paulo Araújo Pontes e Maurício Cabrera Baca

7.1 Resultado Fiscal.....	86
7.2 Receitas.....	86
7.3 Despesas.....	89
7.4 Dívida Pública.....	92

**8. CONSIDERAÇÕES FINAIS**..... 94



**PARTE I - RESUMO DOS INDICADORES**



## Quadro 1: Evolução dos Principais Indicadores Econômicos - Ceará - 2008 a 2012

continua

Indicadores Selecionados	2008	2009	2010	2011	2012
Taxas de crescimento (%) do PIB - IBGE	8,49	0,04	7,96	4,30	3,65
Evolução dos valores correntes do PIB (R\$ Milhões) - IBGE	60.099,00	65.704,00	77.865,00	87.982,00	96.520,00
Evolução dos valores correntes do PIB <i>per capita</i> (R\$) - IBGE	7.112,00	7.687,00	9.217,00	10.314,00	11.215,00
Relação entre o PIB Ceará x Brasil (%) - IBGE	1,98	2,03	2,07	2,12	2,18
Relação entre o PIB <i>per capita</i> Ceará x Brasil (%) - IBGE	44,47	45,44	46,63	47,89	49,16
Taxa de crescimento (%) do Valor Adicionado da Agropecuária - IBGE	25,50	-22,00	-8,10	33,90	-20,10
Taxa de crescimento (%) do Valor Adicionado da Indústria - IBGE	5,70	-0,50	9,70	0,50	2,60
Taxa de crescimento (%) do Valor Adicionado dos Serviços - IBGE	7,60	2,10	7,50	4,90	5,80
Precipitação Observada (mm) – 2008 a 2012 - FUNCEME	923,10	1.225,70	542,50	1.034,00	388,90
Produção de Grãos (ton) - IBGE	1.131.000,00	786.846,00	339.436,00	1.300.303,00	235.719,00
Variações (%) da Produção de Grãos - IBGE	96,30	-30,40	-56,90	283,10	-81,90
Produção de Milho (ton) - IBGE	752.882,00	538.962,00	174.955,00	915.286,00	122.501,00
Produção de Feijão (ton) - IBGE	252.741,00	129.827,00	83.286,00	264.205,00	52.721,00
Produção de Mandioca (ton) - IBGE	925.317,00	686.325,00	620.964,00	836.606,00	468.724,00
Abate Inspecionado de Bovinos (ton) - IBGE	345.712,00	323.246,00	332.325,00	315.165,00	278.992,00
Produção de Mel (ton) - IBGE	4.073,00	4.735,00	2.760,00	4.165,00	2.017,00
Crescimento (%) Anual da Produção Física da Indústria de Transformação - PIMPF/IBGE	2,46	-3,75	9,05	-11,51	-1,22
Evolução (%) da taxa de crescimento anual do volume de vendas do varejo comum - PMC/IBGE	8,00	9,50	14,00	7,90	9,60
Evolução (%) da taxa de crescimento anual da receita nominal de vendas do varejo comum - PMC/IBGE	12,20	13,90	18,60	12,20	13,90
Evolução (%) da taxa de crescimento anual do volume de vendas do varejo ampliado - PMC/IBGE	11,50	10,20	17,00	8,60	9,10
Evolução (%) da taxa de crescimento anual da receita nominal de vendas do varejo ampliado - PMC/IBGE	16,60	11,70	20,20	10,10	11,00
Evolução das Exportações - US\$ milhões FOB - SECEX/MDIC	1.277,00	1.080,00	1.269,00	1.403,00	1.267,00
Evolução das Importações - US\$ milhões FOB - SECEX/MDIC	1.558,00	1.230,00	2.169,00	2.401,00	2.864,00
Evolução do Saldo da Balança Comercial - US\$ milhões FOB - SECEX/MDIC	-282,00	-150,00	-900,00	-997,00	-1.597,00
Evolução da Corrente de Comércio Exterior - US\$ milhões FOB - SECEX/MDIC	2.835,00	2.311,00	3.439,00	3.804,00	4.131,00
Evolução da Participação das Exportações CE/NE (%) - SECEX/MDIC	8,26	9,30	8,00	7,45	6,75
Evolução da Participação das Exportações CE/BR (%) - SECEX/MDIC	0,65	0,71	0,63	0,55	0,52
Evolução da Participação das Importações CE/NE (%) - SECEX/MDIC	10,04	11,40	12,34	9,95	11,01
Evolução da Participação das Importações CE/BR (%) - SECEX/MDIC	0,90	0,96	1,19	1,06	1,28

## Quadro 1: Evolução dos Principais Indicadores Econômicos - Ceará - 2008 a 2012

conclusão

Taxa de Desemprego (%) - PNAD	6,32	6,96	---	5,21	5,65
Taxa de Ocupação (%) - PNAD	63,64	63,95	---	58,64	58,81
Taxa de Participação no Mercado de Trabalho (%) - PNAD	67,94	68,73	---	61,86	62,33
Grau de Informalidade (%) - PNAD	65,79	63,21	---	58,42	57,52
Rendimento Real Médio do Trabalho (R\$) - PNAD	778,04	814,33		934,75	954,19
Evolução do Estoque de Empregos Formais (mil) - RAIS	1.130,00	1.236,30	1.325,80	1.406,90	1.423,60
Evolução da participação no estoque de empregos formais – CE/NE (%) - RAIS	16,26	16,66	16,55	16,59	16,53
Evolução da participação no estoque de empregos formais – CE/BR (%) - RAIS	2,86	3,00	3,01	3,04	3,00
Evolução da participação no estoque de empregos formais – RMF/CE (%) - RAIS	67,41	66,89	68,27	68,01	29,07
Evolução da participação no estoque de empregos formais – Fortaleza/CE (%) - RAIS	54,40	53,45	54,72	54,52	56,20
Evolução da participação no estoque de empregos formais – Setor da Administração Pública/CE (%) - RAIS	31,53	31,26	29,24	28,66	30,09
Evolução da participação no estoque de empregos formais – Setor dos Serviços/CE (%) - RAIS	58,78	58,36	57,08	57,18	56,41
Evolução da participação no estoque de empregos formais – Setor da Indústria/CE (%) - RAIS	19,88	19,93	19,70	18,64	18,85
Evolução da participação no estoque de empregos formais – Setor do Comércio/CE (%) - RAIS	15,03	15,01	15,81	16,40	17,26
Evolução da participação no estoque de empregos formais – Setor da Construção Civil/CE (%) - RAIS	4,05	4,73	5,73	6,04	5,72
Evolução da participação no estoque de empregos formais – Setor da Agropecuária/CE (%) - RAIS	2,26	1,98	1,68	1,74	1,76
Resultado Primário a preços constantes (R\$ milhões) - SEFAZ	1.709,00	1.375,00	986,00	1.983,00	621,00
Receita Orçamentária a preços constantes (R\$ milhões) - SEFAZ	16.251,00	17.665,00	20.349,00	20.801,00	18.527,00
ICMS a preços constantes (R\$ milhões) - SEFAZ	5.748,00	5.934,00	6.785,00	7.041,00	7.527,00
FPE a preços constantes (R\$ milhões) - SEFAZ	4.266,00	3.920,00	4.023,00	4.647,00	4.546,00
Despesa Orçamentária a preços constantes (R\$ milhões) - SEFAZ	13.365,00	15.463,00	17.870,00	17.529,00	17.778,00
Despesa com Pessoal e Encargos Sociais (R\$ milhões) - SEFAZ	6.084,00	6.611,00	7.259,00	7.542,00	7.494,00
Despesas com Investimentos (R\$ milhões) - SEFAZ	1.335,00	2.343,00	3.657,00	2.832,00	2.071,00
Outras Despesas Correntes (R\$ milhões) - SEFAZ	5.009,00	5.479,00	6.308,00	6.427,00	7.141,00

Fonte: IBGE, PNAD, RAIS, SEFAZ. Elaboração: IPECE.



**PARTE II - ANÁLISE DETALHADA  
DOS INDICADORES**



# 1. CONTAS REGIONAIS

## 1.1 PRODUTO INTERNO BRUTO

Após a crise mundial iniciada em setembro de 2008 nos Estados Unidos, a economia brasileira sofreu uma retração do PIB em 2009, mas que foi revertida a partir de 2010 quando o Governo Federal adotou políticas anticíclicas a fim de reverter os efeitos resultantes da crise. Dentre as principais medidas destacaram-se duas: o incentivo ao crédito via redução da Taxa Selic e as reduções nas alíquotas de impostos sobre produtos, como o IPI para algumas atividades econômicas: material de construção, eletroeletrônicos e veículos. Como consequência dessas medidas houve um aquecimento da demanda interna e uma ampliação do emprego formal, o que proporcionou acesso de mais pessoas aos bens e serviços disponíveis no mercado.

Somado as ações do Governo Federal, o Governo do Ceará aplicou reduções de alíquotas de ICMS para setores estratégicos e aumentou a eficiência na arrecadação, o que gerou um crescimento das receitas, tornando possível um aumento dos investimentos públicos, alguns em parceria com a iniciativa privada, em diversas frentes, como os parques eólicos, a siderúrgica, estradas, hospitais regionais e escolas profissionalizantes.

Mediante esse cenário, a economia brasileira medida pelo seu Produto Interno Bruto (PIB), entendendo que o PIB representa tudo o que foi produzido pelas atividades econômicas somando-se os impostos líquidos dos subsídios cresceu, em 2012, 1,0% com relação ao ano de 2011, e no acumulado de 2008 a 2012 o crescimento foi de 16,92%, a uma taxa média anual de 3,21%. Já para o Ceará, os resultados foram mais favoráveis, tendo registrado, em 2012, um crescimento de 3,65%, e no acumulado, de 2008 a 2012, uma alta de 26,67%, com uma taxa média anual de 4,89% (Tabela 1.1).

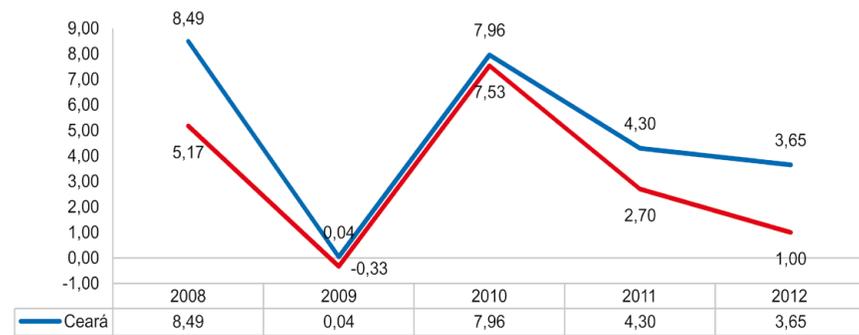
**Tabela 1.1:** Indicadores macroeconômicos selecionados - Ceará – 2008/2012 (\*)

Indicadores Selecionados	Brasil	Ceará
PIB a preços de mercado (R\$ milhões) - 2012	4.424.430	96.520
Taxa de crescimento (%) anual 2012	1,0	3,65
Taxa de crescimento (%) médio anual 2008-2012	3,21	4,89
Taxa de cresc. acumulado (%) 2008-2012	16,92	26,67
<i>Per Capita</i> (R\$ 1,00) - 2012	22.813	11.215

Fonte: IBGE. Elaboração: IPECE.

Nota: Os dados de 2012 são preliminares e podem sofrer alterações quando forem divulgados os dados definitivos.

O Gráfico 1.1 mostra as taxas anuais de crescimento do país e da economia cearense para o período de 2008 a 2012. Nesse período, o Ceará apresentou taxas de crescimento acima da média nacional, e no ano de 2009, em decorrência da crise mundial surgida em setembro de 2008 nos Estados Unidos, o PIB do Ceará cresceu apenas 0,04% enquanto que o Brasil registrou uma queda de 0,33%.

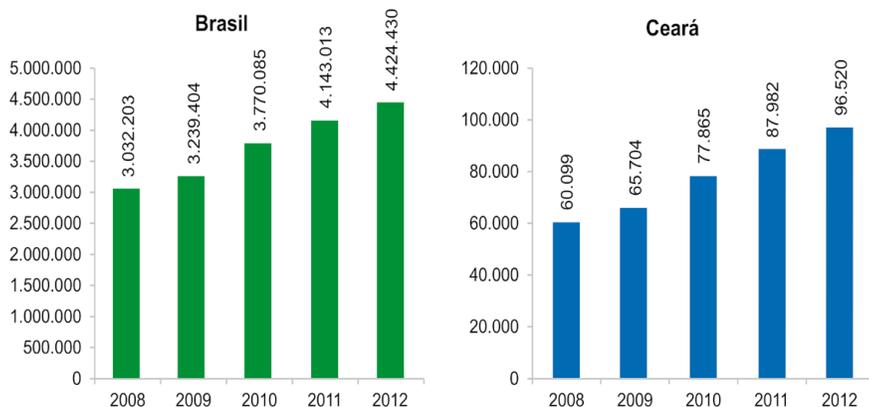
**Gráfico 1.1:** Taxas de crescimento (%) do PIB – Brasil e Ceará - 2008-2012

Fonte: IBGE. Elaboração: IPECE.

Nota: Os dados de 2012 são preliminares e podem sofrer alterações quando forem divulgados os dados definitivos.

Quanto aos valores do PIB para o período 2008-2012, apresentados no Gráfico 1.2, pode-se verificar que o PIB cearense era de R\$ 60,1 bilhões, em 2008, passando para R\$ 96,5 bilhões, em 2012. Para o Brasil, o PIB de 2008 foi de R\$ 3.032,2 bilhões, alcançando R\$ 4.424,4 bilhões em 2012.

**Gráfico 1.2:** Evolução dos valores correntes do PIB (R\$ Milhões) – Brasil e Ceará - 2008-2012

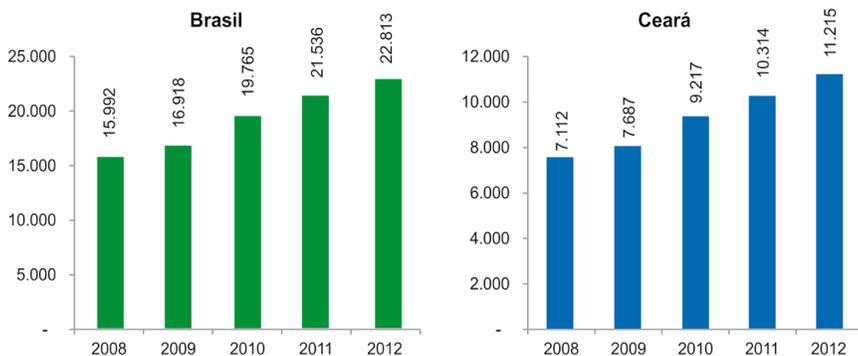


Fonte: IBGE. Elaboração: IPECE.

Nota: Os dados de 2012 são preliminares e podem sofrer alterações quando forem divulgados os dados definitivos.

Em termos de PIB *per capita*, ou seja, a relação entre o valor do PIB e da população residente, a economia cearense gerou um valor de R\$ 7.112,00 em 2008, passando para R\$ 11.215,00 em 2012, ficando muito aquém do PIB *per capita* do Brasil, que foi de R\$ 22.813,00 para o último ano. (Gráfico 1.3).

**Gráfico 1.3:** Evolução dos valores correntes do PIB *per capita* (R\$) – Brasil e Ceará 2008-2012

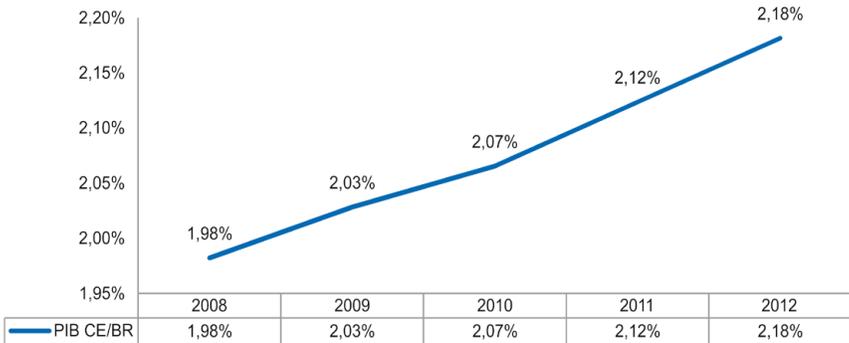


Fonte: IBGE. Elaboração: IPECE.

Nota: Os dados de 2012 são preliminares e podem sofrer alterações quando forem divulgados os dados definitivos.

O constante crescimento do PIB do Ceará acima do Brasil, no período de 2008 a 2012, favoreceu a um considerável ganho de participação da economia cearense em relação à economia nacional. De acordo com o Gráfico 1.4 abaixo, observa-se uma tendência de crescimento da relação PIB do Ceará sobre o PIB do Brasil, quando a economia do Ceará representava 1,98% da economia nacional em 2008, passando para 2,18% em 2012.

**Gráfico 1.4:** Relação entre o PIB Ceará x Brasil, 2008-2012

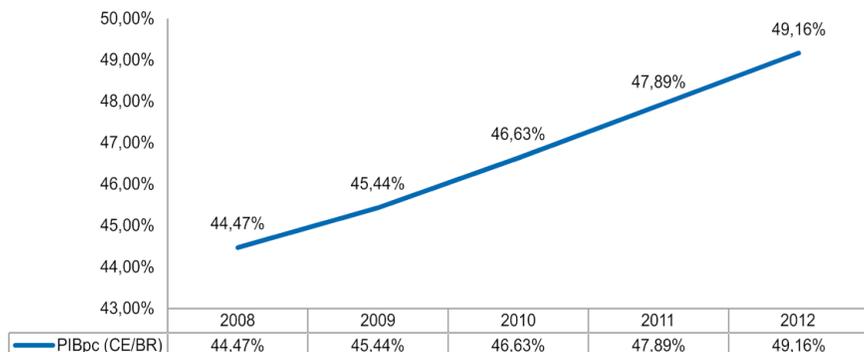


Fonte: IBGE. Elaboração: IPECE.

Nota: Os dados de 2012 são preliminares e podem sofrer alterações quando forem divulgados os dados definitivos.

Quando se observa a evolução da participação levando-se em consideração o crescimento populacional por meio do PIB *per capita* (Gráfico 1.5), verifica-se novamente uma tendência de crescimento no ganho de participação da economia do Ceará em relação a do Brasil, cuja participação passou de 42,47%, em 2008, para 49,16%, em 2012, representando um aumento de 6,69 pontos percentuais em cinco anos.

## Gráfico 1.5: Relação entre o PIB per capita Ceará x Brasil - 2008-2012



Fonte: IBGE. Elaboração: IPECE.

Nota: Os dados de 2012 são preliminares e podem sofrer alterações quando forem divulgados os dados definitivos.

Em relação a distribuição espacial da economia cearense, observa-se ainda uma forte concentração na Região Metropolitana de Fortaleza (R1), que responde por 65,6% do PIB estadual, seguida das demais regiões por ordem de grandeza econômica: Cariri/Centro Sul (R8), 9,6%; Sobral/Ibiapaba (R3), 6,8%; Litoral Leste/Jaguaribe (R7), 4,7%; Litoral Oeste (R2), 5,6%; Sertão Central (R5), 3,9%; Sertão dos Inhambuns (R4), 2,4%; e Baturité (R6), 1,3%. As oito regiões estão evidenciadas na Figura 1.1.

**Figura 1.1:** Distribuição econômica pelas regiões administrativas – Ceará – 2011



Fonte: IBGE. Elaboração: IPECE.

Nota: 2011 é último ano disponível por município.

## 1.2 ESTRUTURA SETORIAL DA ECONOMIA

A Tabela 1.2 apresenta a estrutura setorial do Valor Adicionado (VA) a preços básicos da economia cearense e brasileira para os anos de 2008 e 2011. Observa-se que as duas economias possuem estruturas um pouco semelhantes, com o setor de serviços destacando-se com a maior participação, em 2011, com 67,0% para o Brasil e 73,1% para o Ceará, seguidos da Indústria e por último a agropecuária.

Verifica-se também uma perda de participação considerável na agropecuária cearense, passando de 7,1%, em 2008, para 4,7%, em 2011. Esta perda foi decorrente das secas registradas nos anos de 2009 e 2010. Por outro lado o setor de serviços apresentou um ganho de participação, passando de 69,3%, em 2008, para 73,1%, em 2011, puxado principalmente pelo crescimento na atividade do comércio.

**Tabela 1.2:** Estrutura setorial (%) do Valor Adicionado – Brasil e Ceará – 2008 e 2011

Setores e Atividades	Brasil		Ceará	
	2008	2011	2008	2011
Agropecuária	5,9	5,5	7,1	4,7
Serviços	66,2	67,0	69,3	73,1
Indústria	27,9	27,5	23,6	22,2

Fonte: IBGE. Elaboração: IPECE.

Nota: O ano 2011 é o último com dados definitivos para a estrutura setorial do valor adicionado.

Dentre as atividades que compõem o setor da indústria do Ceará (Tabela 1.3), a mais importante continuou sendo a indústria de transformação, com uma participação, em 2011, de 10,4% no total do VA do Ceará, seguida das atividades da construção civil (6,1%), produção e distribuição de eletricidade, gás, água, esgoto e limpeza urbana (serviços industriais de utilidade pública - SIUP) (5,2%) e indústria extrativa (0,5%).

Comparado ao ano de 2008, a única atividade industrial que ganhou participação foi construção civil, com um ganho de 0,9 pontos percentuais (p.p.), condicionado, principalmente, pelo elevado montante de investimentos do Governo estadual em obras de infraestrutura

nesse período, enquanto que a indústria de transformação apresentou uma perda de participação com queda de 1,9 p.p. e o SIUP e a indústria extrativista registraram leves quedas de participação de 0,3 e 0,1 p.p. respectivamente.

**Tabela 1.3:** Estrutura Setorial (%) do Valor Adicionado – Indústria – Ceará – 2008 e 2011

Setores e Atividades	Brasil		Ceará	
	2008	2011	2008	2011
Agropecuária	5,9	5,5	7,1	4,7
Serviços	66,2	67,0	69,3	73,1
Indústria	27,9	27,5	23,6	22,2
Indústria Extrativa Mineral	3,2	4,1	0,6	0,5
Indústria de Transformação	16,6	14,6	12,3	10,4
Construção Civil	4,9	5,8	5,2	6,1
Serviços Industriais de Utilidade Pública (SIUP)	3,1	3,1	5,5	5,2
<b>Total da Economia</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

Fonte: IBGE. Elaboração: IPECE.

Nota: O ano 2011 é o último com dados definitivos para a estrutura setorial do valor adicionado.

Dentre as atividades que compõem o setor de serviços (Tabela 1.4) as que apresentaram as maiores participações no total do VA do Ceará, em 2011, foram administração, saúde e educação públicas e seguridade social (22%), comércio (15,5%), atividades imobiliárias e aluguéis (7,6%), transportes, armazenagem e correio (5,8%), intermediação financeira, seguros e previdência complementar e serviços relacionados (5,5%), serviços de informação (1,9%) e um conjunto de outros serviços com pequenas participações, mas que somados representaram 14,8% do valor adicionado na economia cearense. Dentre essas atividades, as que ganharam participação, comparado a 2008, foram transportes, armazenagem e correio (+2,3 p.p.), intermediação financeira (+0,7 p.p.) e comércio (+0,6 p.p.). A primeira e a última atividade são muito ligadas ao setor de turismo, que tem se destacado no cenário estadual. Já a atividade administração, saúde e educação públicas e seguridade social, manteve uma participação elevada, em torno de 22%, em 2011, confirmando, ainda, o grande peso do setor público na economia do Ceará, bem superior ao registrado pelo país que foi de 16,3%.

**Tabela 1.4:** Estrutura Setorial (%) do Valor Adicionado – Serviços – Brasil e Ceará – 2008 e 2011

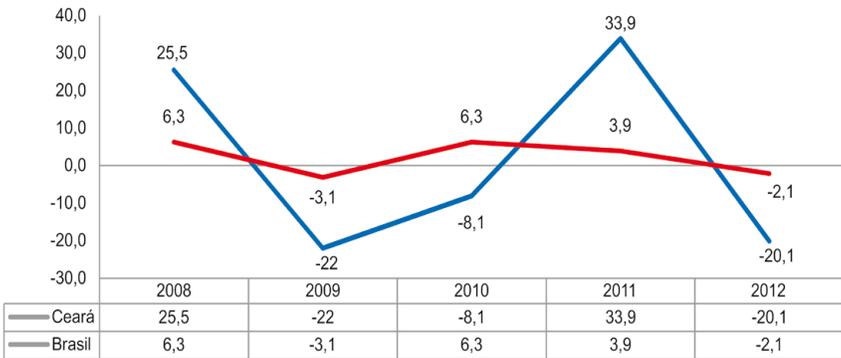
Setores e Atividades	Brasil		Ceará	
	2008	2011	2008	2011
Agropecuária	5,9	5,5	7,1	4,7
Indústria	27,9	27,5	23,6	22,2
Serviços	66,2	67,0	69,3	73,1
Comércio	12,5	12,6	14,9	15,5
Transportes, armazenagem e correio	5,0	5,1	3,5	5,8
Serviços de informação	3,8	3,0	2,7	1,9
Intermediação financeira, seguros e previdência complementar e serviços relacionados	6,8	7,4	4,8	5,5
Atividades imobiliárias e alugueis	8,1	7,9	8,3	7,6
Administração, saúde e educação públicas e seguridade social	15,8	16,3	22,1	22,0
Outros serviços	14,1	14,5	13,2	14,8
Total da Economia	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: IBGE. Elaboração: IPECE.

Nota: O ano 2011 é o ultimo com dados definitivos para a estrutura setorial do valor adicionado.

Enquanto que as estruturas setoriais das economias cearense e brasileira apresentam poucas diferenças, o mesmo não ocorre em termos das taxas de crescimento. No que se refere ao comportamento dos setores ao longo dos anos de 2008 a 2012, observa-se que a Agropecuária cearense registrou taxas de crescimento muito oscilantes, diferente da brasileira (Gráfico 1.6).

As causas para o comportamento volátil da Agropecuária cearense é que grande parte de seu território encontra-se inserido no semiárido nordestino, deixando o setor vulnerável às condições climáticas com grandes incidências de períodos de secas. Essas irregularidades de chuvas provocam quedas nas safras de grãos, citando como exemplos os anos de 2009, 2010 e 2012. Em termos de crescimento acumulado, a Agropecuária cearense, de 2008 a 2012, apresentou uma taxa negativa de 3,7%, com uma média anual de 1,8%. Enquanto a brasileira, cresceu a uma taxa acumulada de 11,4% e uma média anual de 2,3%, para o mesmo período.

**Gráfico 1.6:** Taxa de crescimento (%) do Valor Adicionado da Agropecuária - Brasil e Ceará -2008-2012

Fonte: IBGE. Elaboração: IPECE.

Nota: Os dados de 2012 são preliminares e podem sofrer alterações quando forem divulgados os dados definitivos.

Na Indústria, enquanto o Ceará apresentou um crescimento de 2,6%, em 2012, o Brasil obteve uma queda de 0,8%, para o mesmo ano (Gráfico 1.7). O ano de 2009 apresentou quedas nesse setor tanto para o Ceará (-0,5%) quanto para o Brasil (-5,6%), em decorrência da crise mundial iniciada em setembro de 2008 nos Estados Unidos, vinda a registrar recuperação nos anos seguintes após medidas do Governo Federal de redução de impostos e estímulo ao crédito que alavancaram o consumo interno. Em relação ao crescimento acumulado, no período 2008-2012, o Ceará apresentou um crescimento de 18,9%, com uma média anual de 3,6%, superiores as taxas da Indústria brasileira, 9,3%, no acumulado, e média anual de 1,9%, para o mesmo período.

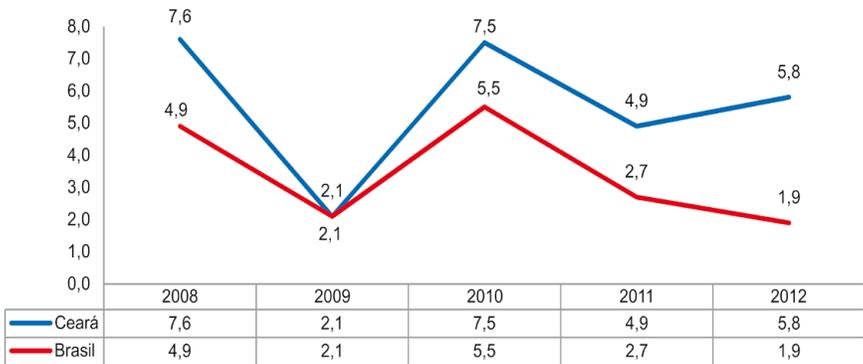
**Gráfico 1.7:** Taxa de crescimento (%) do Valor Adicionado da Indústria - Brasil e Ceará 2008-2012

Fonte: IBGE. Elaboração: IPECE.

Nota: Os dados de 2012 são preliminares e podem sofrer alterações quando forem divulgados os dados definitivos.

O setor de Serviços do Ceará registrou um crescimento, em 2012, igual a 5,8%, bem acima do crescimento de 1,9% registrado pelo Brasil no mesmo ano (Gráfico 1.8). O Ceará apresentou taxas de crescimento, superiores as do país, em praticamente todos os anos do período em análise, contribuindo fortemente para o crescimento econômico estadual, já que este setor representa 73,1% da economia local. Os Serviços no Ceará cresceram 31,1% no acumulado do período, a uma média anual de 5,6%. Os resultados são superiores às mesmas comparações para o país, que teve taxa acumulada de 18,2% e uma média de 3,4%.

**Gráfico 1.8:** Taxa de crescimento (%) do Valor Adicionado dos Serviços - Brasil e Ceará 2008-2012



Fonte: IBGE. Elaboração: IPECE.

Nota: Os dados de 2012 são preliminares e podem sofrer alterações quando forem divulgados os dados definitivos.

Nas próximas seções, os setores econômicos serão analisados em detalhes permitindo um melhor entendimento do desempenho alcançado por cada um deles no período considerando.

## 2. AGRONEGÓCIO

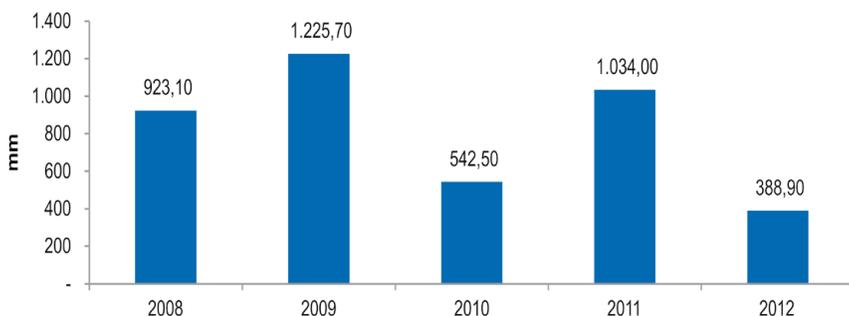
A irregularidade que rege o clima no semiárido do Nordeste apresentou, em 2012, seu lado negativo, na forma de uma seca severa que se contrapõe a um período de bons resultados vivenciado em 2011, quando se assistiu a uma produção recorde de grãos.

Durante o ano de 2012 as precipitações, no Ceará, foram 52,3% abaixo da média, sendo que a macrorregião que mais se ressentiu da irregularidade climática foi o Sertão Central e Inhamuns, com um volume 56,4% inferior à média, enquanto a do Cariri foi a menos afetada, com um volume de chuvas 36,3% abaixo da média, o que ainda é bastante significativo.

A intensidade da escassez das chuvas fez com que se registrasse o menor volume desde 1994 e, em um intervalo de tempo mais recente, as ocorrências climáticas convergiram para uma situação crítica no abastecimento de água em algumas regiões do Estado em 2012.

Observando o Gráfico 2.1 percebe-se que apesar das chuvas abundantes em 2009, a seca no ano seguinte não foi totalmente compensada, em termos de reservas hídricas, com as chuvas de 2011, as quais ficaram acima da média. Com isso as reduzidas precipitações de 2012 não só comprometeram a produção agrícola como levaram a uma situação emergencial para o abastecimento de água humano e animal.

**Gráfico 2.1:** Precipitação Observada (mm) – Ceará - 2008 a 2012



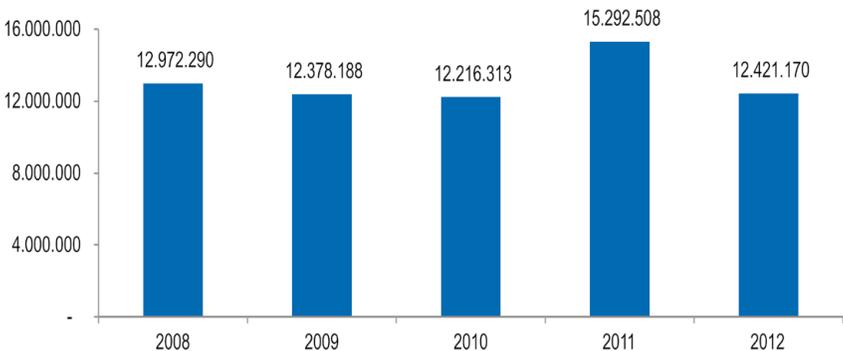
Fonte: Funceme. Elaboração: IPECE.

A redução do nível dos reservatórios tem um aspecto delicado, pois ocorre de forma paulatina e sem impactos instantâneos, como ocorre no caso de enchentes, o que leva a uma percepção tardia da situação quando já se observa risco de desabastecimento, na medida em que o período sem recarga nos reservatórios se prolonga. No entanto, a produção agrícola apresenta uma resposta mais imediata, afetando todos os indicadores socioeconômicos que direta ou indiretamente tem ligação com agropecuária.

## 2.1 PRODUÇÃO DE GRÃOS

Com essa condição climática afetando boa parte do Nordeste em 2012, houve uma redução de 18,8% da produção de grãos na região em relação ao ano anterior, no entanto, o volume produzido se assemelhou ao produzido nos anos antecedentes a 2011. Dessa forma, a produção de grãos no Nordeste, em 2012 (Gráfico 2.2) não parece ter sido tão afetada. O volume total da produção de grãos na região Nordeste foi de 15,3 milhões de toneladas em 2011, enquanto em 2012 a produção foi de 12,4 milhões de toneladas.

**Gráfico 2.2:** Produção de Grãos no Nordeste - 2008 a 2012

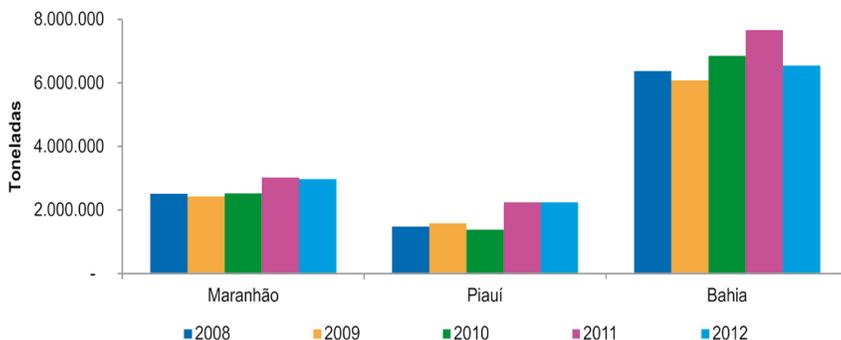


Fonte: IBGE. Elaboração: IPECE.

Isso ocorre em função dos maiores estados produtores da região, Bahia, Maranhão e Piauí, terem apresentado reduções na produção em menor proporção. Assim, a queda da produção na região reflete

o desempenho da Bahia, que teve uma quebra da produção de grãos em 14,6%, o que se soma à redução de 1,9% no Maranhão, enquanto o Piauí praticamente manteve a produção do ano anterior, os quais são os três principais estados em termos de produção de grãos (Gráfico 2.3).

**Gráfico 2.3:** Produção de Grãos na Bahia, Maranhão e Piauí - 2008 a 2012



Fonte: IBGE. Elaboração: IPECE.

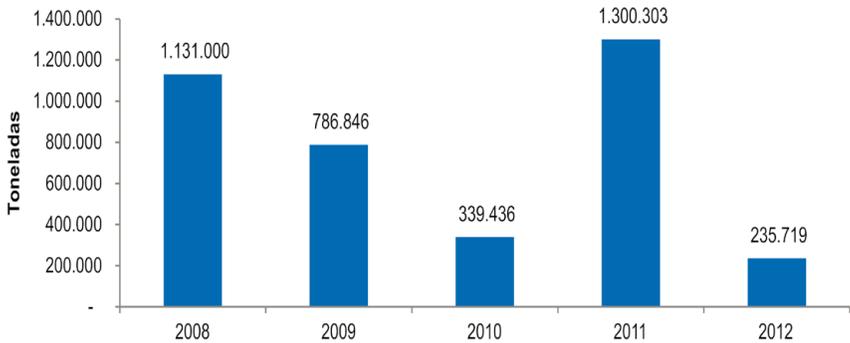
Pesaram também as fortes quebras de safra de alguns estados, como no Rio Grande do Norte (92,5%), Paraíba (90,6%), Ceará (82,0%) e Pernambuco (78,0%), os quais devem ter sido afetados mais diretamente pela estiagem, no entanto, têm pequeno peso na produção total de grãos.

No Ceará, o desempenho da produção de grãos reflete bem o comportamento das chuvas, o que levou a uma produção de 235,7 mil toneladas, o que representa uma queda de 82,0% em relação ao ano anterior. A redução em termos percentuais é acentuada em função do bom desempenho observado no ano anterior e ressalta a irregularidade característica da região em termos de condições climáticas, as quais se refletem na produção agrícola (Gráfico 2.4).

Desta forma, se observam reduções na produção nos anos de 2009 e 2010, seguidas de um pico de produção que gerou recorde na produção de grãos, com uma drástica quebra de safra em 2012. Esse comportamento reforça o caráter de vulnerabilidade da agricultura no

Estado, como também ocorre em diversas áreas do Semiárido. Isso fez com que o Ceará apresentasse a menor participação na produção de grãos no Nordeste entre 2008 e 2012, com 1,9%, tendo chegado a 8,5% em 2011. (Gráfico 2.4).

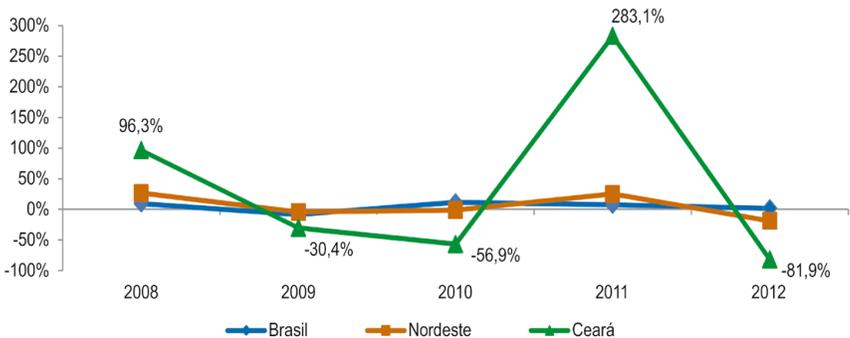
**Gráfico 2.4:** Produção de Grãos - Ceará - 2008 a 2012



Fonte: IBGE. Elaboração: IPECE.

É também possível observar a oscilação na variação da produção entre os anos de 2008 a 2010, que no Brasil o comportamento é mais suave, enquanto no Nordeste já se nota uma instabilidade um pouco maior, a qual ainda não se compara ao que é visto na produção do Ceará, com taxas de variação com fortes movimentos para cima e para baixo. (Gráfico 2.5).

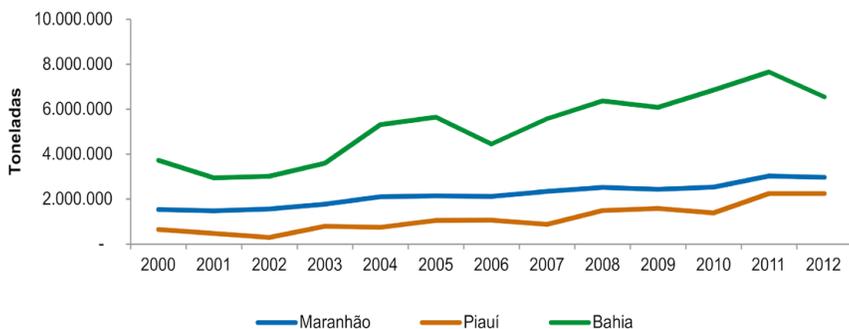
**Gráfico 2.5:** Variações (%) da Produção de Grãos – Brasil, Nordeste e Ceará - 2008 a 2012



Fonte: IBGE. Elaboração: IPECE.

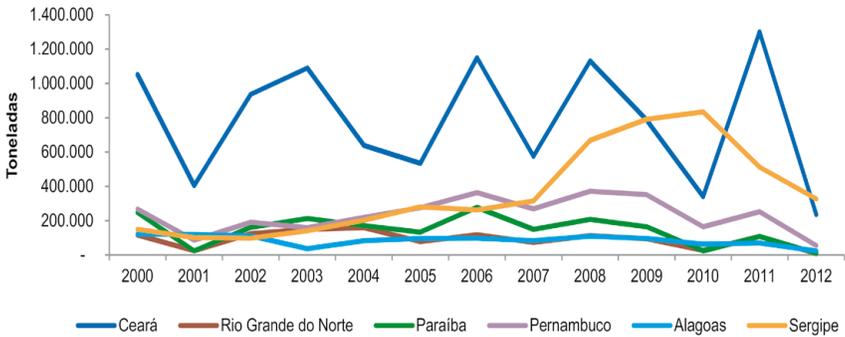
Levando em conta a produção de grãos no período de 2000 a 2012 é possível verificar que, enquanto no Brasil há uma tendência de crescimento, no Nordeste há certa estabilidade afetada por situações pontuais que influenciam os resultados, como ocorreu positivamente, em 2011, enquanto no Ceará não há uma tendência definida e o resultado é fortemente determinado pelas chuvas. A relativa estabilidade na produção de grãos do Nordeste pode ser entendida pelo comportamento distinto entre os estados, em que os estados da Bahia, Piauí e Maranhão apresentam níveis maiores de produção, elevando a média, e os demais estados têm maior instabilidade, conforme observado nos Gráficos 2.6 e 2.7.

**Gráfico 2.6:** Produção de Grãos no Maranhão, Piauí e Ceará - 2000 a 2012



Fonte: IBGE. Elaboração: IPECE.

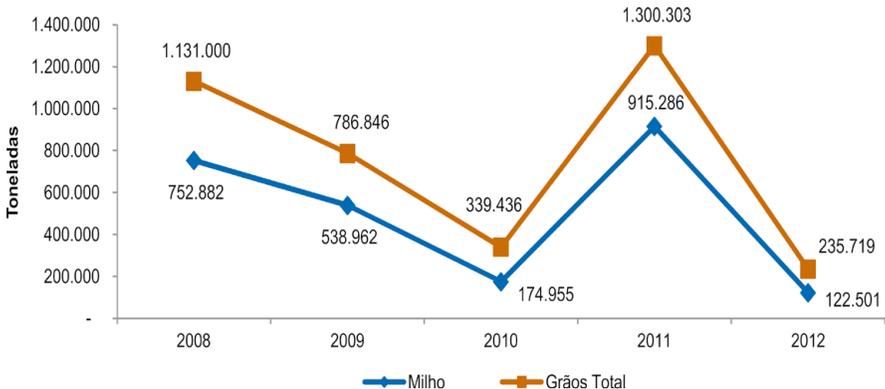
Fica ainda mais evidenciado que a produção do Ceará tem um comportamento mais oscilante do que os demais estados e, ainda assim, na maioria dos anos apresenta um nível superior aos outros estados da região, excluídos a Bahia, o Piauí e o Maranhão. (Gráfico 2.7).

**Gráfico 2.7:** Produção de Grãos no Nordeste, Estados Seleccionados - 2000 a 2012

Fonte: IBGE. Elaboração: IPECE.

## 2.1.1 PRODUÇÃO DE MILHO

O milho é o carro-chefe da produção de grãos no estado do Ceará e, em termos gerais, serve de parâmetro para analisar o desempenho da agricultura do Estado, dado que a produção de grãos tem uma importância significativa para a agricultura local e o milho é o principal produto desse grupo. Conforme pode se observar no Gráfico 2.8, a produção de milho determina o comportamento da produção de grãos.

**Gráfico 2.8:** Produção de Milho e Total de Grãos - Ceará - 2008 a 2012

Fonte: IBGE. Elaboração: IPECE.

Em 2012, a produção de milho no Ceará apresentou uma redução de 86,6% em relação a 2011, tendo em vista que nesse último ano se observou uma produção recorde o que acabou por destacar o nível de perdas observado em 2012. Dessa forma, a participação na produção de milho do Nordeste, que havia sido de 18,2% em 2011, passou para 3,2% em 2012.

Em termos de produção por municípios percebe-se uma grande alternância na ordem dos mesmos de um ano para o outro, o que deve estar relacionado com as condições climáticas.

Com exceção de Mauriti, que sempre aparece como o município com maior produção, os demais municípios apresentam variações expressivas de posição no ranking, como no caso de Limoeiro do Norte, segundo maior produtor em 2012, que havia sido apenas o quadragésimo no ranking em 2011.

Uma constatação para o caso de Limoeiro do Norte, como também de Bela Cruz, o qual passou da 110ª posição, em 2011, para a oitava posição em 2012, é que estes foram os dois únicos municípios que tiveram uma produção de milho em 2012 maior que a de 2011, apesar da estiagem. Chama também atenção o município de Crateús, segundo maior produtor de milho do Estado em 2011, e em 2012, segundo dados do IBGE, não há registro de produção.

Além desses, são observadas muitas outras fortes mudanças de posição no ranking de produção do Estado entre 2008 e 2012 que são explicadas, a princípio, pelas condições climáticas.

Conforme a Tabela 2.1 dos dez municípios com maior produção de milho em 2012, a maior parte pertence à Macrorregião do Cariri/Centro Sul, enquanto dois pertencem à Macrorregião do Litoral Oeste e um do Sertão Central.

**Tabela 2.1:** Produção e Participação dos Dez Municípios com Maior Produção de Milho no Ceará em 2012

Municípios	Produção	Participação (%)
Mauriti	10.214	8,3%
Limoeiro do Norte	8.052	6,6%
Santana do Cariri	3.950	3,2%
Missão Velha	3.247	2,7%
Várzea Alegre	2.897	2,4%
Icó	2.786	2,3%
Itapipoca	2.683	2,2%
Bela Cruz	2.418	2,0%
Mombaça	2.261	1,8%
Brejo Santo	2.100	1,7%

Fonte: IBGE. Elaboração: IPECE.

Na Tabela 2.2 é possível perceber mais nitidamente como os municípios sofrem grandes variações na produção de milho em termos relativos, com exceção de Mauriti. Também é interessante notar a participação dos municípios com maior produção, sendo observado que em anos com boas condições climáticas a participação tende a ser menos concentrada, como nos anos de 2008 e 2011, quando os dez municípios com maior produção concentraram, respectivamente, 28,0% e 29,6%, enquanto em 2009 os primeiros dez municípios em termos de produção representaram 29,5%, em 2010 esse percentual foi de 32,7% e em 2012, 33,1%.

**Tabela 2.2:** Dez Municípios com Maior Produção de Milho e Respectivas Participações na Produção do Estado, 2008 a 2012

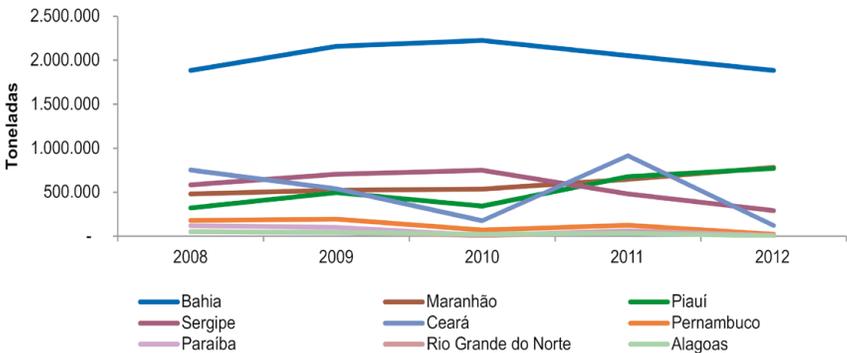
2008		2009		2010		2011		2012	
Município	Participação % na produção do Estado	Município	Participação % na produção do Estado	Município	Participação % na produção do Estado	Município	Participação % na produção do Estado	Município	Participação % na produção do Estado
Mauriti	6,1	Mauriti	10,0	Mauriti	5,5	Mauriti	5,1	Mauriti	8,3
Tauá	4,0	Brejo Santo	2,8	Boa Viagem	4,5	Crateús	3,9	Limoeiro do Norte	6,6
Pedra Branca	3,4	Tauá	2,4	Mombaça	3,9	Novo Oriente	3,7	Santana do Cariri	3,2
Canindé	2,8	Araripe	2,3	Pedra Branca	3,6	Brejo Santo	3,5	Missão Velha	2,7
Parambu	2,1	Milagres	2,3	Araripe	3,0	Quixeramobim	2,8	Várzea Alegre	2,4
Boa Viagem	2,0	Aurora	2,2	Brejo Santo	2,7	Tauá	2,6	Icó	2,3
Brejo Santo	1,9	Parambu	2,2	Santa Quitéria	2,6	Boa Viagem	2,4	Itapipoca	2,2
Independência	1,9	Missão Velha	2,2	Baturité	2,4	Independência	2,1	Bela Cruz	2,0
Itatira	1,9	Barro	2,1	Iguatu	2,4	Pedra Branca	1,9	Mombaça	1,8
Crateús	1,8	Canindé	2,0	Santana do Cariri	2,1	Canindé	1,6	Brejo Santo	1,7

Fonte: IBGE. Elaboração: IPECE.

Fato semelhante ocorre entre os estados do Nordeste, dado que se observa uma maior concentração na participação em anos com condições climáticas mais adversas, apesar de haver uma maior variabilidade entre os estados da Região do que se observa dentro de um estado individualmente. Nesse sentido se observa que a Bahia, principal produtor de milho da Região, teve uma participação de 40,7% na produção do Nordeste em 2011 e de 42,6% em 2008, enquanto em 2010 foi de 53,7% e em 2012, 48,5%.

O Gráfico 2.8 mostra as inversões de posição dos estados no ranking da produção de milho entre 2008 e 2012. Também é nítido que os estados do Maranhão e Piauí seguem uma tendência de crescimento, ao contrário dos demais estados.

**Gráfico 2.9:** Produção de Milho dos Estados do Nordeste - 2008 a 2012

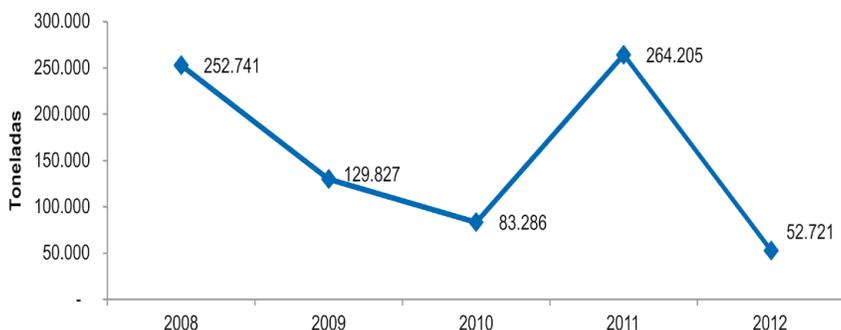


Fonte: IBGE. Elaboração: IPECE.

## 2.1.2 PRODUÇÃO DE FEIJÃO

A produção de feijão, a exemplo do que se observa na produção de milho, também se mostra mais concentrada em anos de perda de safra, no que se refere aos estados do Nordeste. Em 2012 a produção de feijão da Bahia representou 42,1% da produção regional, enquanto em 2011 essa participação foi de 27,2%, sendo que neste último ano a maior participação havia sido do Ceará com 32,3%, passando a representar 20,8% em 2012, com a segunda posição entre os estados.

**Gráfico 2.10:** Produção de Feijão – Ceará - 2008 a 2012



Fonte: IBGE. Elaboração: IPECE.

A produção de feijão do Ceará em 2012 foi a menor dos últimos cinco anos, com uma redução de 80,0% em relação à safra de 2011 (Gráfico 2.10) totalizando 52,7 mil toneladas, também sendo observadas fortes reduções na safra de feijão de outros estados em 2012, como no Rio Grande do Norte, redução de 94,6%, Paraíba (91,6%), Pernambuco (83,0%), Alagoas (83,1%), Piauí (66,8%), e até mesmo a Bahia, com queda de 52,0%. Ainda houve redução em Sergipe, onde a safra foi 45,5% menor e no Maranhão, que apresentou a menor queda, com 19,0%.

A Região Nordeste, com isso, apresentou uma redução de 69,0% na produção de feijão. Tal desempenho fez com que a participação da Região Nordeste na produção nacional de feijão, que havia sido de 23,8% em 2011, passasse a 9,1% em 2012, configurando a menor participação considerando o período desde 2008 e uma das menores participações já registradas. Tais dados apontam a volatilidade da agricultura do Nordeste, principalmente no tocante à produção de grãos.

Em termos de produtividade o Ceará apresentou, juntamente com a Paraíba, o menor valor dentre os estados do Nordeste, com um rendimento de 120 quilos/hectare em 2012, tendo apresentado a menor redução na produtividade da região, com uma queda de 73,5%

em relação ao rendimento observado em 2011. O único estado da região que apresentou crescimento na produtividade de feijão foi Sergipe, com aumento de 11,7%.

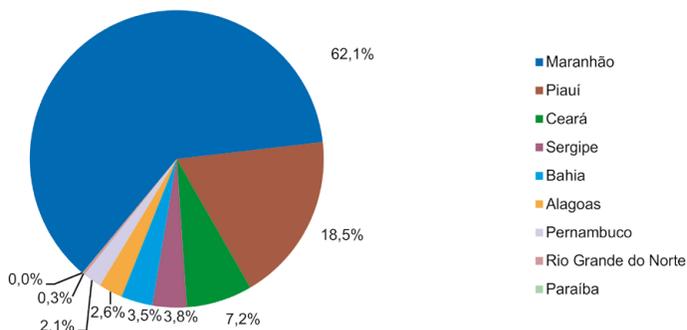
Quanto à produção de feijão nos municípios do Ceará também se nota uma mudança no ranking a cada ano, sendo que em 2012 o principal município produtor de feijão foi Itapipoca, enquanto em 2011 a maior produção foi do município de Morada Nova, em 2010 foi Santa Quitéria, 2009 pertenceu a Mauriti e 2008, Canindé, o qual obteve a maior produção municipal dentro desse período, com 13,1 mil toneladas em 2008, enquanto em 2012 o maior produtor, Itapipoca, produziu 1,8 mil toneladas.

### **2.1.3 PRODUÇÃO DE ARROZ**

A produção de arroz no Nordeste em 2012 apresentou redução de 39,3%, totalizando 707,4 mil toneladas, sendo que os principais estados produtores, Maranhão e Piauí, apresentaram reduções, respectivamente, de 38,0% e 52,0%. O Ceará apresentou redução de 45,2% em relação a 2011 e permaneceu como o terceiro estado com maior produção da região, com 51,2 mil toneladas (Gráfico 2.11).

Em termos de produção municipal no Ceará destaca-se o município de Morada Nova como maior produtor e participação de 28,6% do total produzido no Estado, seguido de Iguatu, com 16,6% e Limoeiro do Norte, com 12,7%. A maior produtividade em 2012 foi observada em Limoeiro do Norte, 6,5 toneladas/ha, e também em outros municípios com menor produção, como em Quixeré, Russas, São João do Jaguaribe e Tabuleiro do Norte.

**Gráfico 2.11:** Participação dos Estados na Produção de Arroz do Nordeste - 2012



Fonte: IBGE. Elaboração: IPECE.

## 2.1.4 DEMAIS GRÃOS

Dentre os demais grãos destaca-se a produção de algodão herbáceo que, a exemplo dos demais grãos, apresentou redução significativa, com queda de 89,1%. Também apresentaram resultados negativos outros grãos como mamona, com produção 84,1% menor, e sorgo, com queda de 52,7%.

**Tabela 2.3:** Produção de Grãos (Toneladas) – Ceará - 2008 a 2012

Produtos	2008	2009	2010	2011	2012
Algodão arbóreo	29	53	12	40	12
Algodão herbáceo	4.869	3.898	2.196	3.436	375
Amendoim	1.150	1.132	378	2.719	325
Arroz	97.769	93.388	63.868	93.460	51.200
Feijão	252.741	129.827	83.286	264.205	52.721
Girassol	402	1.266	838	1.131	7
Mamona	8.036	7.937	4.942	15.131	2.409
Milho	752.882	538.962	174.955	915.286	122.501
Soja	1.665	3.315	3.417	-	3.854
Sorgo	11.457	7.068	5.544	4.895	2.315
Total	1.131.000	786.846	339.436	1.300.303	235.719

Fonte: IBGE. Elaboração: IPECE.

A Tabela 2.3 traz um resumo da produção de grãos entre 2008 e 2012 e chama atenção para o quanto a safra de 2012 foi afetada pela estiagem, mostrando reduções severas em diversas culturas, com exceção da soja e algodão herbáceo, as quais tem produção pouco expressiva.

## 2.2 FRUTICULTURA

Apesar da menor dependência das culturas irrigadas em relação às precipitações, se nota que em 2012 a produção de frutas também foi afetada pela estiagem. Em relação ao ano anterior percebe-se uma redução na produção de várias culturas, como em um dos principais itens para o Estado, a banana, que apresentou redução de aproximadamente 16,0% na produção. Outras reduções significativas ocorreram na produção de uva, 56,7%, como também com o abacate (31,8%), mamão (23,2%), tangerina (22,6%), laranja (13,3%), manga (10,8%), e de modo especial à castanha de caju, com queda de 65,5%, cuja produção tem bastante importância para o Estado.

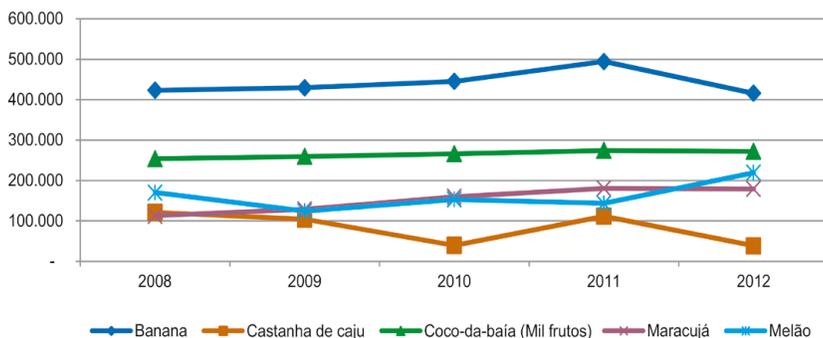
No sentido contrário o melão apresenta crescimento de aproximadamente 53,0%, enquanto a melancia apresentou crescimento de 32,6% e a goiaba teve aumento de 11,6%.

No Gráfico 2.12 pode-se acompanhar o comportamento da produção de alguns dos principais produtos da fruticultura entre 2008 e 2012, podendo se perceber que, apesar da utilização da irrigação em algumas dessas culturas, ocorre oscilações na produção entre os anos, com a influência das condições climáticas.

Dentre as principais culturas demonstradas no Gráfico 2.12 pode-se notar esse comportamento na produção de banana que apresentou redução no último ano, o que deve ser reflexo da ocorrência de chuvas, dado que apesar de ter uma parte da produção irrigada outra parte relevante dessa cultura é realizada em regime de sequeiro. No caso da produção de castanha de caju, notadamente uma cultura

que pouco ou não utiliza irrigação, essa também se mostra diretamente afetada pelas condições climáticas.

**Gráfico 2.12:** Produção de Algumas Principais Culturas da Fruticultura (Toneladas e Mil Frutos) - Ceará - 2008 a 2012



Fonte: IBGE. Elaboração: IPECE.

Em termos gerais percebe-se que as culturas temporárias são mais susceptíveis à falta de chuvas, no entanto, algumas culturas permanentes também são atingidas pela escassez de água, principalmente aquelas em que pouco se observa irrigação em anos de estiagem.

Diferente do que se observa na produção de grãos, mesmo em um ano de estiagem a participação da produção do Estado em relação ao Nordeste nos itens da fruticultura pouco se altera e em alguns casos até cresce. Em 2012 a castanha de caju do Ceará representou 50,2% da produção do Nordeste, o que representa um pequeno crescimento em relação a 2011. Também foram significativas, em 2012, as participações do Ceará frente ao Nordeste na produção de melão, 40,0%, maracujá, 31,8%, e coco da baía, 20,2%, em todos esses se verifica crescimento da participação do Estado.

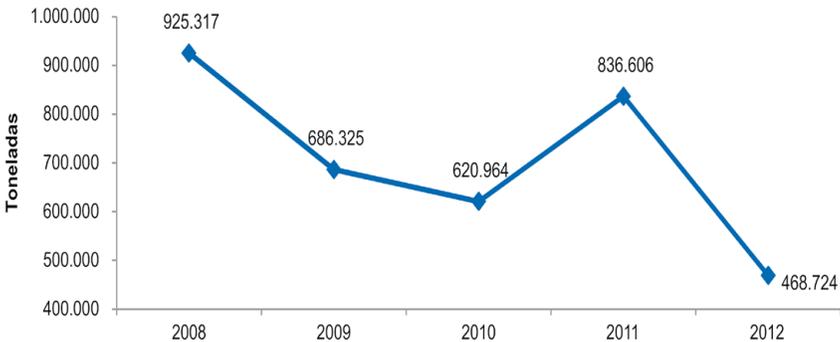
## 2.3 OUTRAS CULTURAS

Outros produtos que tem relevância para a produção agrícola do Ceará são a mandioca, tomate e a cana-de-açúcar, os quais apresentaram queda na produção de, respectivamente, 44,0%, 7,0% e 9,6%, em 2012 em relação a 2011.

A participação do Ceará no Nordeste para essas culturas foram, em 2012, de 7,8%, 25,3% e 3,0% respectivamente para mandioca, tomate e cana de açúcar. Com isso, a mandioca apresentou perda de participação na produção do Nordeste, visto que tinha apresentado participação de 10,6% em 2011.

No Gráfico 2.13 se percebe que a produção de mandioca tem apresentado uma tendência de queda nos últimos anos.

**Gráfico 2.13:** Produção de Mandioca, Ceará, 2008 a 2012



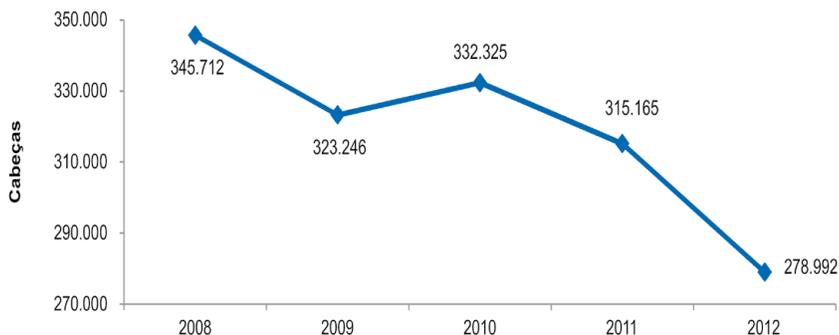
Fonte: IBGE. Elaboração: IPECE.

## 2.4 PECUÁRIA

Dada a severidade da estiagem de 2012 seriam esperados os efeitos negativos também sobre a pecuária, inclusive pela ampla repercussão da morte de animais, mais especificamente bovinos, no sertão nordestino em razão da fome, como foi registrado, de fato, para o Nordeste de modo geral, e até mesmo no Brasil se verificou queda no rebanho. No entanto, segundo dados do IBGE, no Ceará houve crescimento de 3,8%, o que está passível de correções futuras.

Tal fato é reforçado ainda pelo que é observado nos rebanhos de caprinos e ovinos, ambos apresentando reduções no efetivo, ou seja, havendo um consenso de que estas espécies são mais resistentes a episódios de secas, em função de sua adaptação e menor requerimento de alimentos, e ainda assim se observou redução nos efetivos dos mesmos, isso leva a crer que o rebanho bovino deveria ter sentido um efeito ainda maior.

**Gráfico 2.14:** Abate Inspeccionado de Bovinos, Ceará, 2008 a 2012



Fonte: IBGE. Elaboração: IPECE.

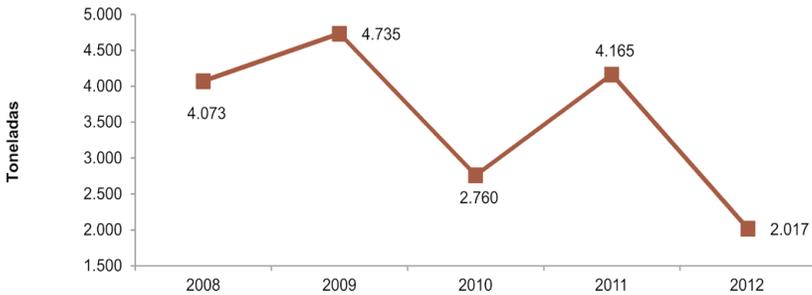
Além disso, houve uma redução de 0,6% na produção de leite cearense em 2012 em relação a 2011, juntamente com uma redução no abate inspeccionado de 11,5%. Dessa forma, o abate inspeccionado vem apresentando uma tendência de queda nos últimos anos, conforme pode ser observado no Gráfico 2.14.

Os abates de suínos e frangos apresentaram, respectivamente, reduções de 14,4% e 6,5%, o que, nesse caso, pode ter como explicação o desabastecimento de milho observado em 2012. Nesse mesmo sentido a produção de ovos de galinhas no Ceará em 2012 apresentou uma redução de 2,2%.

O impacto da estiagem também foi visível na produção de mel, observando-se uma redução de 51,6% em 2012. Observando a série de produção no Gráfico 2.15 nota-se que com as estiagens de 2010

e 2012 a apicultura foi afetada de forma significativa, o que levou a uma tendência de redução da produção entre 2008 e 2012, isso inclusive pode se refletir na desestruturação de alguns produtores que não conseguiram manter suas colmeias, fazendo com que tenham que recomeçar toda as fases para produção, com interrupção na renda e, em alguns casos, inviabilização da atividade.

**Gráfico 2.15:** Produção de Mel, Ceará, 2008 a 2012



Fonte: IBGE. Elaboração: IPECE.

### 3. INDÚSTRIA

A análise do setor industrial cearense observa a Indústria Geral e os segmentos que a compõem: a Indústria Extrativa Mineral, a Indústria de Transformação, a Construção Civil e os Serviços Industriais de Utilidade Pública (SIUP). A avaliação considerou, dentre outros, indicadores relativos à produção e ao emprego, discutindo a evolução registrada entre os anos de 2008 e 2012, com especial atenção aos últimos anos do período.

Considerando a estrutura setorial da economia cearense, a Indústria Geral respondeu por 22,2% do Produto Interno Bruto (PIB) em 2011. O percentual é inferior ao registrado em 2008, quando a indústria concentrou 23,6% da economia, e retrata dois movimentos principais: o menor ritmo de crescimento da indústria de transformação e o maior dinamismo do setor de serviços.

Observando os componentes do setor, o segmento de transformação se mantém como principal atividade industrial, embora com uma participação menor na economia cearense. Em 2011, o percentual foi de 10,4%, contra 12,3% em 2008. A Construção Civil, ao contrário, apresentou um bom desempenho e aumentou sua participação para 6,1% no último ano. Os dados são apresentados na Tabela 3.1<sup>1</sup>.

**Tabela 3.1:** Estrutura Setorial (%) do Valor Adicionado – Indústria – Ceará – 2008 e 2011

Atividades	2008	2011
Agropecuária	7,1	4,7
Indústria	23,6	22,2
Indústria extrativa	0,6	0,5
Indústria de transformação	12,3	10,4
Construção civil	5,2	6,1
Produção e distribuição de eletricidade, gás, água, esgoto e limpeza urbana (*)	5,5	5,2
Serviços	69,3	73,1
Total da Economia	100,0	100,0

Fonte: IBGE. Nota: (\*) Anteriormente a atividade era denominada Serviços Industriais de Utilidade Pública – SIUP.

<sup>1</sup> O ano 2011 é o último com dados definitivos para o Produto Interno Bruto.

### 3.1 INDÚSTRIA GERAL

Considerando o Valor Adicionado, a Indústria Geral no Estado apresentou um crescimento de 2,6% entre 2011 e 2012<sup>2</sup>. Tal desempenho foi influenciado pelos resultados positivos apresentados pela Construção Civil, com crescimento de 4,7%, e pela Eletricidade, Gás e Água, com 8,8% de expansão no mesmo período. A Indústria de Transformação, em movimento oposto, registrou o segundo ano consecutivo de queda, com redução de 1,5% na passagem de 2011 para 2012. Mesmo negativo, a retração foi menor do que a registrada entre 2010 e 2011 (-3,3%).

Os resultados para Indústria Geral não são mais expressivos devido ao desempenho do segmento de transformação. Considerando todo o período, 2008 a 2012, a Indústria de Transformação registrou um crescimento médio anual de apenas 0,6%. Vale destacar que apenas nos anos de 2008 e 2010 a indústria registrou taxas positivas no valor adicionado, sendo o último ano marcado por incentivos à atividade econômica em decorrência da crise.

Nos últimos dois anos da série analisada, a manufatura cearense não conseguiu retomar o caminho do crescimento. Mesmo com a manutenção dos incentivos, os resultados não se mostraram satisfatórios. Os desdobramentos da crise de 2008 e a conjuntura econômica adversa, questões ligadas à competitividade, incertezas e formação de expectativas ajudam a entender o período instável que indústria de transformação cearense atravessou.

---

<sup>2</sup> Valor adicionado equivale ao PIB a preços básicos e, neste caso, os impostos não são computados como ocorre no PIB a preços de mercado.

**Tabela 3.2:** Taxas de Crescimento (%) Anual do Setor Industrial (\*) – Ceará – 2007 a 2011

Atividades Industriais	2008	2009	2010	2011(**)	2012(**)
Indústria Geral	5,5	1,1	9,7	0,5	2,6
Extrativa Mineral	-10,4	-4,4	-8,2	-5,8	-4,4
Transformação	4,0	-4,3	8,1	-3,3	-1,5
Construção	8,8	2,3	20,9	4,9	4,7
Produção e distribuição de eletricidade, gás, água, esgoto e limpeza urbana	8,3	6,1	13,1	5,2	8,8

Fonte: IBGE. Nota: (\*) Variação em volume do Valor Adicionado em relação ao ano anterior; (\*\*) Valores estimados para 2011 e 2012. Para os demais anos os dados são definitivos.

Por outro lado, a atividade da Construção Civil apresentou um comportamento distinto. O setor, entre os anos de 2008 e 2012, registrou taxas positivas de crescimento que resultaram em uma expansão média anual de 8,3%. Tal desempenho pode ser explicado pelas medidas de incentivos do governo federal, pelos investimentos públicos do governo estadual e pelos investimentos privados. Com este desempenho, a atividade da construção se mostra como a principal contribuição para crescimento da indústria geral, que evoluiu a um ritmo médio de 3,9% ao ano nesse período.

Com relação ao emprego, o estoque de trabalhadores formais na indústria cearense foi de 349,7 mil empregados em 2012, um crescimento de apenas 0,7% em relação ao ano anterior. A Indústria de Transformação foi o principal segmento, concentrando 74,1% do estoque total de trabalhadores, o equivalente a 259,0 mil indivíduos. A Construção Civil ocupou a segunda colocação entre os segmentos industriais que mais empregaram no período. Em 2012, concentrou 23,3% dos trabalhadores formais, o equivalente a 81,4 mil empregados.

**Tabela 3.3:** Número de Empregados Formais no Setor Industrial – Ceará – 2008 a 2012

Indústria	2008	2009	2010	2011	2012	Var. % 2012/ 2011	Var. % 2012/ 2008	Part. % 2012
Indústria Geral	270.375	304.873	337.171	347.176	349.723	0,7%	29,3%	100,0%
Indústria de Transformação	215.542	236.851	251.357	251.767	258.974	2,9%	20,2%	74,1%
Construção Civil	45.715	58.435	75.973	84.994	81.400	-4,2%	78,1%	23,3%
Produção e distribuição de eletricidade, gás, água, esgoto e limpeza urbana	6.518	6.874	7.187	7.603	6.222	-18,2%	-4,5%	1,8%
Extrativa Mineral	2.600	2.713	2.654	2.812	3.127	11,2%	20,3%	0,9%

Fonte: RAIS/MTE.

Em todo o período, entre os anos de 2008 a 2012, o emprego formal na indústria registrou uma expansão de 29,3%, o que representa 79,3 mil postos adicionais de trabalho. Novamente, entre os segmentos, a Indústria de Transformação foi o destaque com a criação de 43,4 mil vagas, ampliando o estoque de trabalhadores em 20,2%. Outro destaque, a Construção Civil registrou um crescimento de 78,1% no número de empregados, o equivalente a 35,7 mil novas vagas, em um comportamento coerente com a expansão da atividade no Estado nos últimos anos.

Considerando toda a economia, a participação da atividade industrial no Estado apresentou uma leve expansão, passando de 23,9% em 2008, para 24,6% no último ano. Em conjunto, a economia cearense ampliou o estoque de empregos em 26,0%, alcançando a marca de 1,42 milhão de trabalhadores formais em 2012.

## 3.2 INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO

Os indicadores discutidos a seguir aprofundam a discussão sobre o desempenho da indústria de transformação cearense nos anos de 2008 a 2012.

### 3.2.1 PRODUÇÃO FÍSICA

A indústria de transformação cearense voltou a apresentar resultados negativos em 2012. Na comparação com ano anterior, a indústria no Estado reduziu a produção em 1,2%. Embora ainda negativa, a taxa é bem inferior à registrada em 2011, que apontou uma redução de 11,5% na comparação com 2010.

Em 2012 a atividade diminuiu o ritmo da desaceleração, mas numa magnitude insuficiente para reverter a forte retração observada em 2011. Naquele ano, vale destacar, que a base de comparação elevada de 2010 e a conjuntura adversa para o setor ajudaram a compreender a redução observada. Esta conjuntura parece ainda presente em 2012, não permitindo uma retomada da atividade industrial mesmo diante do fraco resultado de 2011. Os resultados para produção física corroboram o comportamento apresentado pelo valor adicionado.

No quadro regional, a Indústria de Transformação apresentou um desempenho diferente e registrou uma expansão de 1,9% na produção, revertendo a redução de 4,5% em 2011. Já a Indústria de Transformação nacional registrou um movimento inverso, com uma redução mais intensa que a cearense em 2012, com queda de 2,6%, após uma leve alta de 0,3% em 2011, ambas as comparações com relação ao ano anterior. O Gráfico 3.1 traz os resultados.

**Gráfico 3.1:** Produção Física da Indústria de Transformação – Ceará, Nordeste e Brasil – 2008 a 2012 (\*)

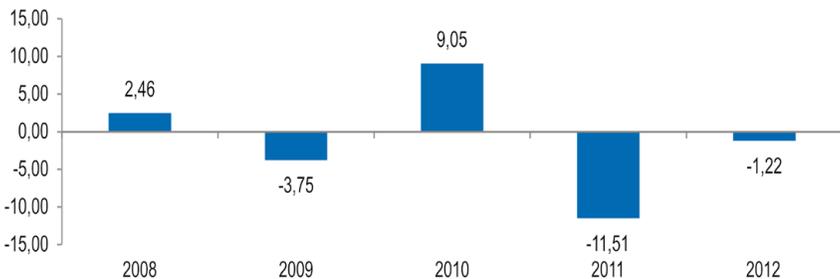


Fonte: PIMPF/IBGE. Elaboração IPECE

(\*) Índice Acumulado até dezembro, base igual período do ano anterior.

Em linhas gerais, desde 2008 a indústria de transformação tem apresentado uma perda de dinamismo, não conseguindo preservar uma trajetória de crescimento ao longo dos anos. Embora com ritmos distintos na produção, explicados em boa parte pelas estruturas industriais diferentes, esse quadro tem sido comum à atividade seja no Ceará, na região ou no país. Diante da nova conjuntura instalada após a crise de 2008, a indústria nacional não tem conseguido se manter competitiva, o que fica retratado nos índices de produção. De fato, com o resultado de 2012, o Ceará fechou o terceiro ano de retração na indústria de transformação nos últimos cinco observados. O Gráfico 3.2 apresenta esta evolução.

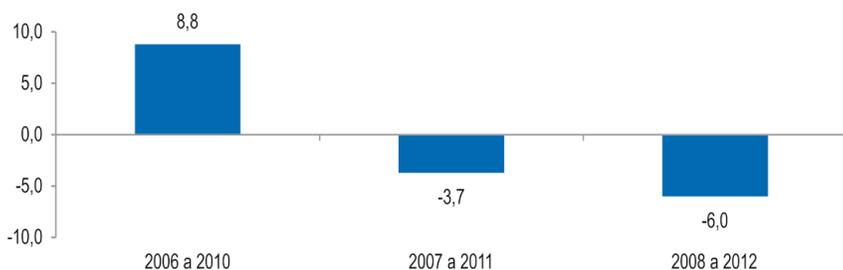
**Gráfico 3.2:** Crescimento (%) Anual da Produção Física da Indústria de Transformação – Ceará - 2008 a 2012



Fonte: PIMPF/IBGE. Elaboração IPECE

Considerando todo o período, a indústria cearense registrou uma retração acumulada de 6,0% nos anos de 2008 a 2012. Este desempenho acentuou o resultado negativo de 3,7% observado entre os anos de 2007 e 2011.

**Gráfico 3.3:** Crescimento Acumulado da Produção Física da Indústria de Transformação por subperíodos - Ceará - 2006 a 2012 (%)



Fonte: PIMPF/IBGE. Elaboração IPECE

Para o Nordeste e o Brasil os percentuais foram, respectivamente, de 2,1% e 2,9% para o período de 2008 a 2012. Quando se considera a taxa acumulada, o Ceará apresenta um comportamento menos favorável, o que pode em boa parte ser explicado pelo desempenho do ano de 2011, que ficou bem abaixo do alcançado pelo país e pela região. O Gráfico 3.3, acima, traz os resultados acumulados para o Ceará para três subperíodos entre os anos de 2006 e 2012.

No último período, entre os anos de 2008 e 2012, o resultado da Indústria de Transformação foi influenciado pelo desempenho dos segmentos tradicionais na economia cearense. Os setores Têxtil e Vestuário e Acessórios acumularam no período uma redução de 30,1% e 19,5%, respectivamente, com o desempenho influenciado principalmente pela concorrência no mercado interno com produtos importados. Já a Indústria de Calçados e Artigos de Couro, mais afetada pela conjuntura externa, apresentou um recuo de 11,3% na produção física entre 2008 e 2012. O setor de alimentos e bebidas foi o único entre os principais segmentos da indústria de transformação a registrar uma taxa positiva no período, com crescimento acumulado de 3,8%.

### 3.2.2 COMÉRCIO EXTERIOR DA INDÚSTRIA

Considerando as exportações industriais cearenses, o quadro para os anos de 2008 a 2012 não foi tão animador. As vendas de produtos industriais ao exterior recuaram 1,2% em 2012 na comparação com o ano anterior, pondo fim a uma sequência de dois anos seguidos de crescimento. As exportações totais seguiram o movimento e registraram uma redução de 9,7% em 2012. (Tabela 3.4).

**Tabela 3.4:** Exportações por Fator Agregado – Ceará – 2008 a 2012 (\*)

Ano	Básicos	Industrializados			Total
		Semimanufaturados	Manufaturados	Total Industrializados	
2008	339.248	258.295	654.189	912.483	1.276.970
2009	362.026	165.357	535.161	700.520	1.080.166
2010	373.669	227.034	622.500	849.535	1.269.497
2011	458.753	282.164	623.213	905.380	1.403.297
2012	333.416	292.604	601.609	894.213	1.266.967
Participação (%) 2008	26,57%	20,23%	51,23%	71,46%	100,00%
Participação (%) 2012	26,32%	23,09%	47,48%	70,58%	100,00%
Variação (%) 2008-2012	-1,72%	13,28%	-8,04%	-2,00%	-0,78%
Variação (%) 2011-2012	-27,32%	3,70%	-3,47%	-1,23%	-9,71%

Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração IPECE.

(\*) Valores em US\$ 1.000 FOB.

A perda de ritmo nas vendas externas, já observada em 2011, se intensificou em 2012 e interrompeu o processo de recuperação após a crise de 2008. A instabilidade na economia internacional existente em 2011 e que contribuiu para o recuo observado nas exportações naquele ano, permaneceu em 2012, o que dificultou a retomada mais consistente das exportações estaduais, em especial as realizadas pela indústria. Ver Tabela 3.4.

Considerando todo o período, de 2008 a 2012, o valor das exportações dos produtos industriais registrou uma redução de 2,0%, atingindo a soma de US\$ 894,2 milhões no último ano. Este desempenho

reverte o crescimento de 11,9% observado entre 2007 e 2011. No mesmo período, 2008 a 2012, as exportações totais apresentaram uma queda de 0,8%.

Apesar do desempenho, os produtos industrializados concentraram em 2012 o equivalente a 70,6% das exportações totais. Nestes, destaque para os itens manufaturados, de maior valor agregado, com exportações somando US\$ 601,6 milhões no último ano.

O desempenho das exportações ratifica a realidade de retração experimentada pela indústria de transformação local. Apesar de uma taxa de câmbio mais favorável que àquela presente em 2011, a indústria não conseguiu sustentar em 2012 os resultados positivos dos anos anteriores. Como ocorre na produção, a indústria cearense parece se mostrar menos competitiva no novo cenário externo instaurado com os desdobramentos da crise internacional de 2008.

Ao contrário do ocorrido com as exportações, as importações cearenses registraram em 2012 um crescimento de 19,3%. Este resultado dá continuidade ao desempenho positivo observado nos anos anteriores. De fato, entre 2008 e 2012, as compras de produtos estrangeiros cresceram 83,7%, alcançando a soma de US\$ 2,9 bilhões no último ano.

Apesar da perda de dinamismo experimentado pela atividade industrial no período, as importações de bens de capital aumentaram 152,5% entre 2008 e 2012, o que sugere a realização de investimentos apesar do ambiente instável. No último ano, esse crescimento foi de 79,4%. Ao lado dos bens de capital, se destacam as importações de bens intermediários (destinados à produção industrial), principal grupo de produtos nas importações da economia cearense concentrando 48,9% do valor total importado. Em conjunto, tais itens explicam 68,4% do crescimento observado nas importações estaduais entre 2008 e 2012. (Tabela 3.5).

Se por um lado a indústria cearense demonstrou menor dinamismo,

por outro, quando se observam as importações, as indicações são de realização de investimentos e de acesso a insumos que, ou não existem no Estado, ou estão sendo adquiridos em condições mais competitivas de preço e qualidade. Em conjunto, numa perspectiva mais otimista, tais informações podem evidenciar ganhos de competitividade que devem se materializar no médio prazo<sup>3</sup>.

**Tabela 3.5:** Importações por Setor de Contas Nacionais – Ceará – 2008 a 2012 (\*)

Ano	Bens de Capital	Bens Intermediários	Bens de Consumo	Combustíveis e Lubrificantes	Total
2008	364.577	1.064.759	86.382	42.838	1.558.557
2009	311.706	742.479	85.158	91.041	1.230.384
2010	452.722	1.301.906	93.268	319.680	2.167.576
2011	512.992	1.404.201	176.834	306.687	2.400.713
2012	920.513	1.401.926	195.412	345.862	2.863.713
Participação (%) 2008	23,39%	68,32%	5,54%	2,75%	100,00%
Participação (%) 2012	32,14%	48,95%	6,82%	12,08%	100,00%
Variação (%) 2008-2012	152,49%	31,67%	126,22%	707,37%	83,74%
Variação (%) 2011-2012	79,44%	-0,16%	10,51%	12,77%	19,29%

Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração IPECE.

(\*) Valores em US\$ 1.000 FOB.

<sup>3</sup> De outro modo, podem apenas evitar uma maior perda de dinamismo, garantido algum poder de competição para atividade, mas não suficiente para alterar a realidade. Para uma resposta mais correta é preciso analisar com mais detalhes quais os produtos comercializados.

### 3.2.3 EMPREGOS NA INDÚSTRIA

O emprego formal na indústria de transformação cearense, influenciado pelo desempenho da produção, cresceu 2,9% entre os anos de 2011 e 2012. Numa conjuntura de menor dinamismo da atividade industrial, o resultado ganha importância ao indicar que os empregos no setor não só foram preservados, como tiveram uma leve expansão.

Em todo o período, de 2008 a 2012, o estoque de empregados formais na indústria cresceu 20,2%, alcançando um total de 259,0 mil trabalhadores. Esse crescimento se deve em maior parte aos resultados obtidos nos anos de 2009 e 2010 quando o estoque de empregados cresceu 9,9% e 6,1%, respectivamente. Nos últimos anos, 2011 e 2012, o ritmo de crescimento diminuiu em um movimento coerente com a perda de ritmo na produção.

Em 2012, a Indústria Têxtil, a de Calçados e a de Alimentos e Bebidas concentraram, em conjunto, 69,0% do estoque total de trabalhadores empregados no segmento de transformação, se colocando como maiores empregadores neste ano. Na verdade, esta composição tem sido comum a todos os anos analisados não indicando nenhuma mudança na estrutura do emprego industrial no Estado.

Entre 2011 e 2012, os principais setores, apesar do menor ritmo de produção, preservaram o estoque de empregados, com taxas de crescimento não superiores a 2,0%. Em todo o período, 2008 a 2012, foram os principais responsáveis pela expansão observada no emprego industrial, respondendo por 58,9% da expansão registrada, o equivalente a 25.603 postos de trabalho. Ver tabela 3.6.

**Tabela 3.6:** Número de Empregados Formais na Indústria de Transformação – Ceará – 2008 a 2012

Setores da Indústria de Transformação	2008	2009	2010	2011	2012	Var. % 2012/2011	Var. % 2012/2008	Part. % 2012
Indústria de Transformação	215.542	236.851	251.357	251.767	258.974	2,9%	20,2%	100,0%
Indústria Têxtil	62.706	65.969	71.006	69.299	70.719	2,0%	12,8%	27,3%
Indústria de Calçados	49.832	62.365	63.562	61.843	62.496	1,1%	25,4%	24,1%
Alimentos e Bebidas	40.782	43.415	42.331	45.115	45.708	1,3%	12,1%	17,6%
Indústria Metalúrgica	11.395	12.774	14.425	14.068	16.419	16,7%	44,1%	6,3%
Produtos Minerais Não Metálicos	9.976	10.324	12.041	13.273	14.123	6,4%	41,6%	5,5%
Indústria Química	11.498	12.061	13.090	12.495	12.899	3,2%	12,2%	5,0%
Papel e Gráfica	7.004	7.656	8.359	8.715	9.019	3,5%	28,8%	3,5%
Madeira e Mobiliário	6.614	6.918	8.066	8.512	8.532	0,2%	29,0%	3,3%
Borracha, Fumo, Couros	6.626	6.392	7.706	7.389	7.435	0,6%	12,2%	2,9%
Indústria Mecânica	3.831	3.876	4.683	4.840	5.851	20,9%	52,7%	2,3%
Material de Transporte	3.000	3.125	4.193	4.109	3.939	-4,1%	31,3%	1,5%
Elétrico e Comunicação	2.278	1.976	1.895	2.109	1.834	-13,0%	-19,5%	0,7%

Fonte: RAIS/MTE.

## 4. SERVIÇOS

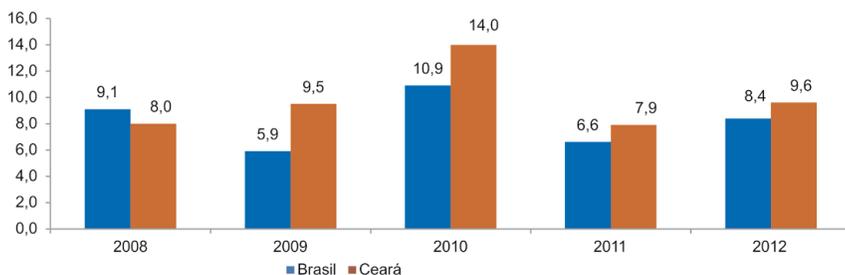
O setor de serviços vem se mantendo como principal responsável tanto pela geração de riquezas com participação de mais de setenta e três por cento do Estado quanto pela participação de mais de cinquenta e seis por cento dos empregos formais, sendo trinta por cento nos serviços privados e vinte e seis por cento na administração pública cearense. Dentro desse contexto será analisado uma das suas atividades mais importantes, o Comércio.

### 4.1 EVOLUÇÃO DAS VENDAS DO COMÉRCIO VAREJISTA

#### 4.1.1 VAREJO COMUM

Segundo dados da Pesquisa Mensal do Comércio (PMC) realizada mensalmente pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o volume de vendas do varejo comum cearense registrou crescimento de 9,6% em 2012 comparado ao ano imediatamente anterior. Vale destacar que esse crescimento foi superior ao registrado em 2011 na comparação com 2010 quando o volume de vendas do varejo comum cearense registrou variação de 7,9%. Vale ainda destacar que em 2012, a taxa de crescimento no volume de vendas do varejo comum cearense foi também superior ao registrado pelo país que teve variação de 8,4% na comparação com 2011. (Gráfico 4.1).

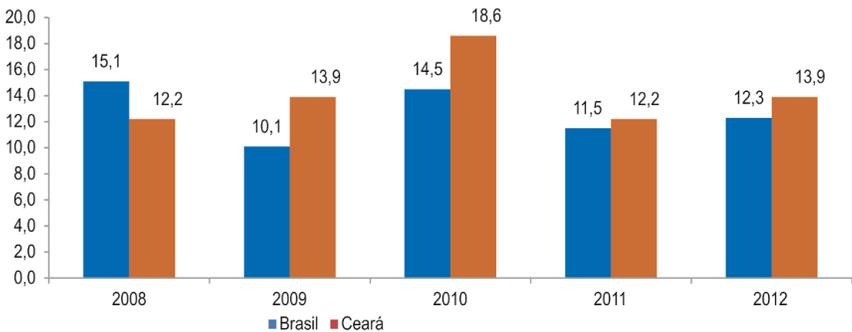
**Gráfico 4.1:** Evolução da taxa de crescimento anual do volume de vendas do varejo comum - Brasil e Ceará - 2008 a 2012 (%)



Fonte: PMC - IBGE. Elaboração: IPECE.

Na análise da variação da receita nominal de vendas do varejo comum, o Ceará registrou crescimento de 13,9%, superior a variação registrada no volume de vendas, pois essa última retira em seu cálculo o efeito da variação nos preços. Vale notar que a taxa de crescimento observada em 2012 foi também superior ao registrado em 2011 e também superior ao registrado pelo país que apontou alta de 12,3%. (Gráfico 4.2).

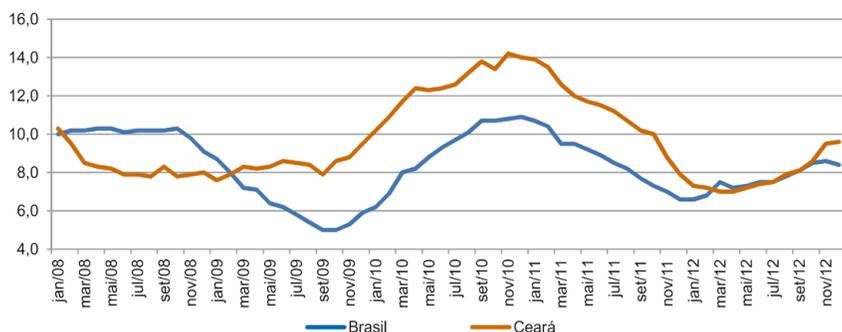
**Gráfico 4.2:** Evolução da taxa de crescimento anual da receita nominal de vendas do varejo comum - Brasil e Ceará - 2008 a 2012 (%)



Fonte: PMC - IBGE. Elaboração: IPECE.

Pela análise do acumulado de 12 meses é possível notar que o volume de vendas do varejo comum cearense registrou uma retomada na sua trajetória de crescimento na segunda metade do ano de 2012, após a desaceleração observada em 2011, voltando a alcançar o patamar de crescimento observado no início de 2008. Nota-se que a diferença de trajetória de crescimento entre o varejo cearense e o nacional observada em anos anteriores, foi bastante reduzida em 2011, apresentando em 2012 trajetória semelhante. (Gráfico 4.3).

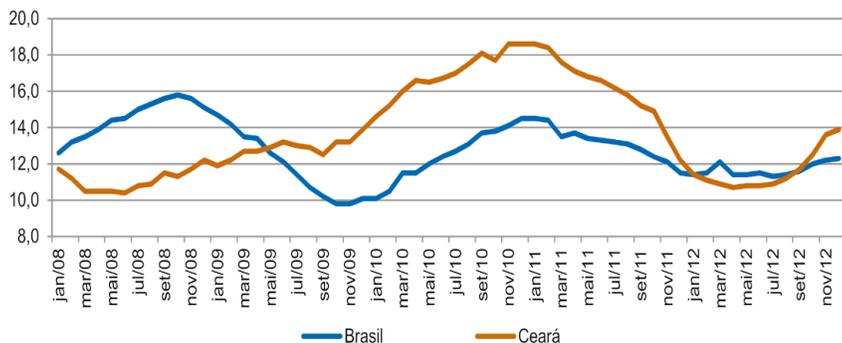
**Gráfico 4.3:** Evolução da taxa de crescimento no acumulado de 12 meses do volume de vendas do varejo comum - Brasil e Ceará - 2008 a 2012 (%)



Fonte: PMC - IBGE. Elaboração: IPECE.

Ao se analisar o gráfico 4.4, é notório a desaceleração ocorrida na receita nominal de vendas do varejo comum cearense entre os anos de 2010 e 2011 e a nítida retomada de crescimento no ano de 2012.

**Gráfico 4.4:** Evolução da taxa de crescimento no acumulado de 12 meses da receita nominal de vendas do varejo comum - Brasil e Ceará - 2008 a 2012 (%)



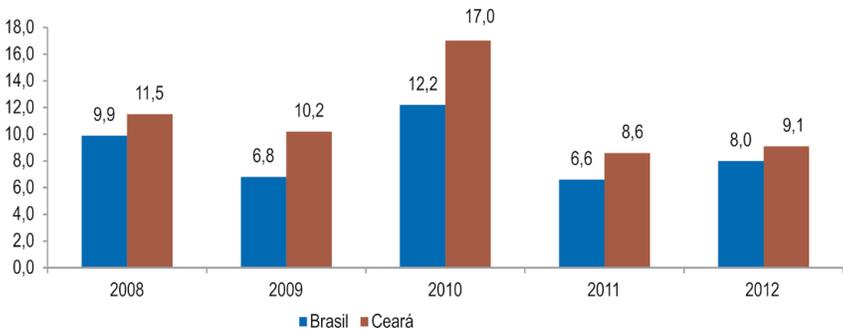
Fonte: PMC - IBGE. Elaboração: IPECE.

## 4.1.2 VAREJO AMPLIADO

O varejo ampliado é composto por dois setores a mais que o varejo comum: Veículos, motocicletas, partes e peças e Material de construção. Em 2012, o volume de vendas do varejo ampliado cearense registrou alta de 9,1% na comparação com 2011 que havia registrado crescimento menor de 8,6%. As vendas nacionais seguiram comportamento semelhante registrando taxa de crescimento superior em 2012, mas inferior na comparação com o estado do Ceará.

No ano de 2011, as vendas dos dois setores acima citados, contribuíram de forma positiva para que o resultado observado no volume de vendas do varejo ampliado cearense superasse o resultado do varejo comum. No entanto, em 2012, resultado diferente foi observado quando a taxa de crescimento do volume de vendas do varejo ampliado ficou abaixo do resultado registrado pelo varejo comum.

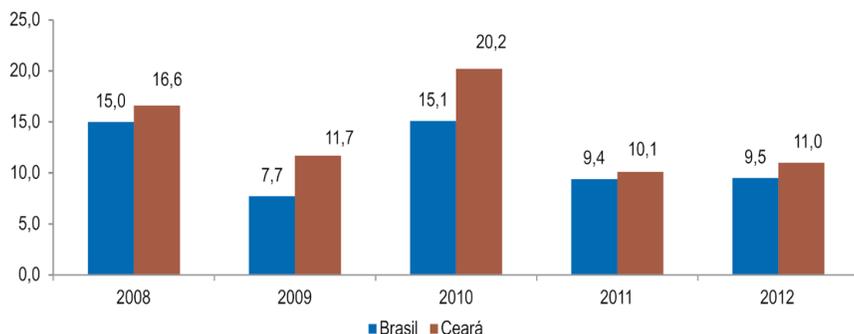
**Gráfico 4.5:** Evolução da taxa de crescimento anual do volume de vendas do varejo ampliado - Brasil e Ceará - 2008 a 2012 (%)



Fonte: PMC - IBGE. Elaboração: IPECE.

No que tange a receita nominal de vendas do varejo ampliado, o varejo cearense registrou taxa de crescimento de 11,0% em 2012, novamente inferior ao registrado pelo varejo comum, mas superior ao registrado pelo país. (Gráfico 4.6).

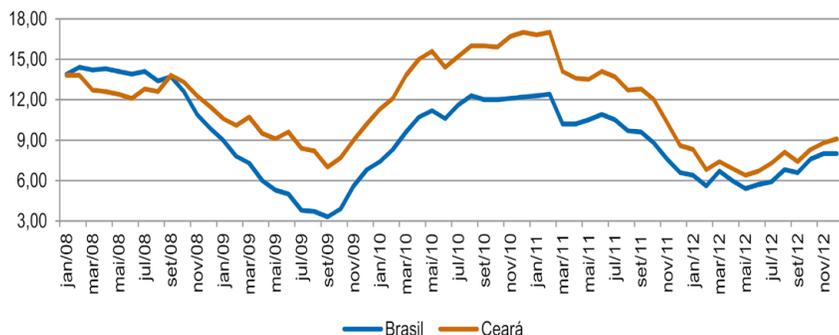
**Gráfico 4.6:** Evolução da taxa de crescimento anual da receita nominal de vendas do varejo ampliado - Brasil e Ceará - 2008 a 2012 (%)



Fonte: PMC - IBGE. Elaboração: IPECE.

Na análise do Gráfico 4.7 é possível notar que a partir de setembro de 2008 a taxa de crescimento no acumulado de 12 meses do volume de vendas do varejo ampliado cearense ficou acima do registrado pelo país. No entanto, vale notar que o volume de vendas do varejo ampliado cearense apresentou uma trajetória de retomada na taxa de crescimento na segunda metade do ano de 2012, seguida pelo país. Todavia, o patamar de crescimento observado nesse último ano é inferior ao observado no ano de 2008.

**Gráfico 4.7:** Evolução da taxa de crescimento no acumulado de 12 meses do volume de vendas do varejo ampliado - Brasil e Ceará - 2008 a 2012 (%)

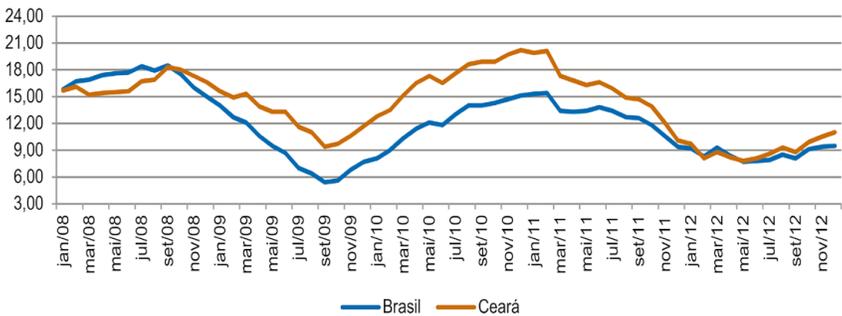


Fonte: PMC - IBGE. Elaboração: IPECE.

Em 2012, a taxa de crescimento no acumulado de 12 meses no volume de vendas do varejo ampliado cearense e nacional passou a apresentar um patamar de crescimento inferior ao observado em 2008. Destaca-se também que a elevada diferença na trajetória de crescimento observada entre o varejo cearense e nacional em anos anteriores foi reduzida nesse último ano, com a taxa de crescimento cearense convergindo para a taxa de crescimento do varejo nacional também no varejo ampliado.

Já na análise da taxa de crescimento do acumulado de 12 meses da receita nominal de vendas do varejo ampliado confirma-se a trajetória de retomada na taxa de crescimento tanto no varejo cearense quanto no nacional.

**Gráfico 4.8:** Evolução da taxa de crescimento no acumulado de 12 meses da receita nominal de vendas do varejo ampliado - Brasil e Ceará - 2008 a 2012 (%)



Fonte: PMC - IBGE. Elaboração: IPECE.

## 4.2 ANÁLISE DO VAREJO NO CONTEXTO NACIONAL

No ano de 2012, todos os estados registraram taxas positivas de crescimento no volume de vendas do varejo comum.

**Tabela 4.1:** Evolução da taxa de crescimento anual do volume de vendas do varejo comum - Brasil e Estados - 2008 a 2012 (%)

Brasil e UF	2008	2009	2010	2011	2012
Roraima	7,9	11,3	19,3	10,6	26,7
Amapá	6,6	6,3	11,8	0,9	18,1
Mato Grosso do Sul	10,9	3,4	13,4	5,5	16,9
Tocantins	5,1	-2,5	55,6	25,2	15,5
Acre	6,6	6,0	22,4	9,5	12,8
Maranhão	9,2	3,8	17,4	9,4	11,8
Pernambuco	6,8	5,4	11,9	6,7	10,8
Espírito Santo	8,4	-1,1	9,1	7,5	10,6
Paraná	7,0	5,2	9,2	7,0	10,0
Bahia	7,8	7,0	10,3	7,1	9,7
Paraíba	10,2	0,7	18,8	14,2	9,6
São Paulo	12,5	7,2	10,6	5,9	9,6
<b>Ceará</b>	<b>8,0</b>	<b>9,5</b>	<b>14,0</b>	<b>7,9</b>	<b>9,6</b>
Rio Grande do Sul	6,4	3,0	10,7	6,1	9,0
Goiás	8,8	5,1	13,0	7,4	8,8
Alagoas	5,8	8,2	12,5	3,5	8,4
Pará	1,7	3,6	12,7	8,1	8,0
Santa Catarina	6,2	6,8	7,6	6,3	7,4
Rio Grande do Norte	11,0	4,2	9,4	7,0	7,0
Piauí	8,2	13,3	4,3	5,0	7,0
Minas Gerais	7,6	4,8	11,4	10,0	6,7
Mato Grosso	10,6	4,6	18,0	3,7	6,5
Rondônia	13,5	10,8	29,4	10,6	5,7
Sergipe	4,1	13,2	12,9	0,5	5,4
Distrito Federal	3,9	1,0	8,2	4,3	4,4
Amazonas	-1,5	4,4	9,9	4,9	4,3
Rio de Janeiro	7,6	5,7	10,4	6,8	4,1
Brasil	9,1	5,9	10,9	6,6	8,4

Fonte: PMC-IBGE. Elaboração: IPECE.

As maiores variações foram observadas nos estados de Roraima (+26,7%), Amapá (+18,1%), Mato Grosso do Sul (+16,9%), Tocantins (+15,5%) e Acre (+12,8%). E as menores variações foram observadas nos estados do Rio de Janeiro (+4,1%), Amazonas (+4,3%), Distrito Federal (+4,4%), Sergipe (+5,4%) e Rondônia (+5,7%). O estado do Ceará registrou o 13º maior crescimento de 9,6%.

Vale destacar que vinte estados registraram taxas de crescimento superiores em 2012 na comparação com 2011. As maiores diferenças

foram observadas nos estados de Amapá, Roraima, Mato Grosso do Sul, Alagoas e Sergipe. Já os estados de Tocantins, Rondônia, Paraíba, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Amazonas e Pará apontaram em 2012, crescimento inferior na comparação com 2011. O Ceará registrou uma diferença positiva na taxa de crescimento em 2012 comparado a 2011 de 1,7 ponto percentual.

No que tange ao varejo ampliado, também todos os estados registraram variações positivas em 2012 comparado a 2011.

**Tabela 4.2:** Evolução da taxa de crescimento anual do volume de vendas do varejo ampliado - Brasil e Estados - 2008 a 2012 (%)

<b>Brasil e UF</b>	<b>2008</b>	<b>2009</b>	<b>2010</b>	<b>2011</b>	<b>2012</b>
Roraima	12,3	10,8	20,0	9,5	17,8
Tocantins	7,0	9,5	39,8	22,2	15,7
Mato Grosso	15,2	6,2	19,2	9,2	14,3
Alagoas	7,4	10,3	13,9	3,3	13,0
Amapá	8,8	4,6	15,9	-4,6	12,1
Pará	3,1	3,0	11,2	6,1	11,9
Maranhão	9,1	6,7	15,6	9,6	11,5
Bahia	8,9	7,3	11,7	4,7	11,0
São Paulo	11,4	7,7	11,0	5,8	9,7
Mato Grosso do Sul	14,0	6,9	15,7	3,9	9,6
Acre	12,8	9,1	18,9	7,1	9,5
Piauí	11,9	15,8	8,9	5,1	9,1
Pernambuco	6,3	7,3	12,8	5,9	9,1
<b>Ceará</b>	<b>11,5</b>	<b>10,2</b>	<b>17,0</b>	<b>8,6</b>	<b>9,1</b>
Rio Grande do Sul	9,5	4,6	13,0	6,2	8,8
Goiás	14,0	6,0	16,0	7,4	8,6
Paraná	9,8	6,0	13,2	8,8	8,5
Rio Grande do Norte	9,3	4,3	9,9	5,5	7,6
Sergipe	6,7	15,6	12,0	0,0	7,5
Paraíba	8,5	4,2	19,1	10,0	7,4
Distrito Federal	0,7	3,1	7,8	2,1	6,8
Rondônia	19,0	9,8	27,2	6,4	5,9
Minas Gerais	9,1	6,8	15,0	9,0	5,7
Santa Catarina	9,9	6,0	10,6	7,8	4,3
Rio de Janeiro	7,2	6,1	9,7	6,6	4,1
Espírito Santo	17,1	6,8	20,3	15,0	2,9
Amazonas	5,7	-0,6	9,0	2,6	1,6
Brasil	9,9	6,8	12,2	6,6	8,0

Fonte: PMC-IBGE. Elaboração: IPECE.

As maiores altas ficaram por conta dos estados de Roraima (+17,8%), Tocantins (+15,7%), Mato Grosso (+14,3%), Alagoas (+13,0%) e Amapá (+12,1%). Enquanto isso, as menores variações foram observadas nos estados de Amazonas (+1,6%), Espírito Santo (+2,9%), Rio de Janeiro (+4,1%), Santa Catarina (+4,3%) e Minas Gerais (+5,7%). O varejo ampliado cearense registrou a décima quarta maior alta de 9,1% na mesma comparação.

Agora, na comparação dos anos de 2011 e 2012, um total de dezoito estados registrou crescimento superior nesse último ano. As maiores diferenças foram observadas nos estados de Amapá, Alagoas, Roraima, Sergipe e Bahia. Enquanto isso, os estados do Espírito Santo, Tocantins, Santa Catarina, Minas Gerais, Paraíba, Rio de Janeiro, Amazonas, Rondônia e Paraná registrou crescimento inferior na comparação dos dois anos. O volume de vendas do varejo ampliado cearense registrou uma diferença de crescimento de 0,5 ponto percentual na mesma comparação.

### **4.3 ANÁLISE SETORIAL DO COMÉRCIO VAREJISTA**

Em 2012, dos treze setores ou grupos de setores observados no varejo cearense apenas três registraram queda nas vendas na comparação com o ano anterior, foram eles: Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação (-23,6%); Livros, jornais, revistas e papelaria (-4,3%); e Outros artigos de uso pessoal e doméstico (-1,6%). (Tabela 4.3).

Por outro lado, os setores que registraram as maiores taxas de crescimento foram: Eletrodomésticos (+25,3%); Combustíveis e lubrificantes (+22,3%); Móveis (+17,2%); Material de construção (+15,7%); e Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos (+13,2%). (Tabela 4.3).

Em 2012, alguns setores registraram crescimento superior no varejo cearense na comparação com o varejo nacional. O setor de Combustíveis e lubrificantes foi o que registrou a maior diferença de taxa de

15,4 pontos percentuais, sendo seguido por Eletrodomésticos (+14,1 p.p.); Material de construção (+7,7 p.p.); Móveis (+5,3 p.p.); Tecidos, vestuário e calçados (+5,2 p.p.); Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos (+2,9 p.p.).

Por fim, vale ressaltar os setores que no varejo cearense registraram taxa de crescimento em 2012, superior ao registrado em 2011. O setor que registrou a maior diferença foi Combustíveis e lubrificantes, seguido por Material de construção; Tecidos, vestuário e calçados; Móveis e eletrodomésticos; e Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo.

O setor de Combustíveis e lubrificantes vinha apresentando trajetória de redução da taxa de crescimento anual até registrar queda nas vendas em 2011. No ano de 2012, foi registrado a maior alta dos últimos cinco anos. As vendas de Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo após registrar elevadas taxas de crescimento nos anos de 2009 (14,4%) e 2010 (18,7%), estabilizou sua taxa de crescimento nos últimos dois anos.

**Tabela 4.3:** Evolução da taxa de crescimento anual do volume de vendas por setores - Brasil e Ceará - 2008 a 2012 (%)

Setores	2008	2009	2010	2011	2012
<b>CEARÁ</b>					
Combustíveis e lubrificantes	17,8	10,0	3,5	-1,4	22,3
Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	1,8	14,4	18,7	7,2	7,5
Hipermercados e supermercados	1,8	14,6	19,2	7,2	7,4
Tecidos, vestuário e calçados	4,1	-0,3	7,0	-4,6	8,7
Móveis e eletrodomésticos	10,3	9,8	17,0	15,6	22,0
Móveis	-	-	-	-	17,2
Eletrodomésticos	-	-	-	-	25,3
Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	5,9	4,5	12,7	18,3	13,2
Livros, jornais, revistas e papelaria	14,4	7,7	30,1	16,7	-4,3
Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	39,8	8,2	14,5	21,7	-23,6
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	13,1	10,7	10,6	0,8	-1,6
Veículos, motocicletas, partes e peças	18,4	14,7	23,6	10,6	6,8
Material de construção	15,2	-4,6	12,0	2,2	15,7
<b>BRASIL</b>					
Combustíveis e lubrificantes	9,3	0,8	6,6	1,5	6,9
Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	5,5	8,3	8,9	4,0	8,5
Hipermercados e supermercados	5,3	8,1	8,6	4,0	8,9
Tecidos, vestuário e calçados	4,8	-2,7	10,6	3,6	3,5
Móveis e eletrodomésticos	15,1	2,1	18,3	16,6	12,2
Móveis	-	-	-	-	11,9
Eletrodomésticos	-	-	-	-	11,2
Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	13,3	11,8	11,9	9,7	10,3
Livros, jornais, revistas e papelaria	11,1	9,6	12,0	5,9	5,4
Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	33,5	10,6	24,3	19,6	6,9
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	15,6	8,4	9,1	4,0	9,3
Veículos, motocicletas, partes e peças	11,9	11,1	14,1	6,1	7,3
Material de construção	7,8	-6,6	15,7	9,1	8,0

Fonte: PMC-IBGE. Elaboração: IPECE.

O setor de Tecidos, vestuário e calçados apresentou forte oscilação na taxa de crescimento de vendas alternando entre variações negativas e positivas. Em 2012, foi registrado a maior alta dos últimos cinco anos. As vendas de Móveis e Eletrodomésticos experimentou nítida escalada na taxa de crescimento saindo de 10,3% em 2008 para 22% em 2010.

Já as vendas de Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos apresentou aceleração da sua taxa de crescimento até 2011 quando foi alcançado pico de crescimento na ordem de 18,3%.

As vendas dos setores de Livros, jornais, revistas e papelaria; Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação; e Outros artigos de uso pessoal e doméstico registraram forte desaceleração nos últimos três anos, quando dois deles registraram pico de crescimento em 2010.

Veículos, motocicletas, partes e peças apesar de registrar variação positiva nas vendas em 2012, esse setor vem apresentando clara desaceleração no seu ritmo de crescimento nos últimos três anos. E por fim, as vendas de Material de Construção apresentou nítida recuperação após o baixo crescimento registrado em 2011.

# 5. COMÉRCIO EXTERIOR

## 5.1 BALANÇA COMERCIAL

No ano de 2008 e 2012, as exportações cearenses apresentaram valores próximos, registrando uma redução de 0,78% de 2008 para 2012, passando de US\$ 1,27 bilhão em 2008 para US\$ 1,26 bilhão em 2012. Esse desempenho destoou do comportamento verificado para a Região Nordeste e Brasil. A soma das exportações nordestinas foi de US\$ 18,7 bilhões em 2012, ou seja, um crescimento de 21,5% com relação ao ano de 2008. Na mesma comparação, as exportações do Brasil registraram o valor de US\$ 242,5 bilhões, um aumento superior de 22,55%.

**Tabela 5.1:** Balança Comercial - CE/NE/BR – 2008 – 2012(\*)

Descrição	2008			2012		
	Ceará	Nordeste	Brasil	Ceará	Nordeste	Brasil
Exportação	1.276.970	15.451.508	197.942.443	1.266.963	18.773.213	242.578.014
Importação	1.558.471	15.526.386	172.984.768	2.864.257	26.006.587	223.183.477
Saldo	-281.500	-74.878	24.957.675	-1.597.294	-7.233.375	19.394.537
Corrente de Comércio	2.835.441	30.977.894	370.927.211	4.131.219	44.779.800	465.761.490

Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração IPECE.

\* Valores em US\$ 1.000 FOB

Do lado das importações, observou-se que o Ceará apresentou um desempenho acima da média nacional e da Região Nordeste, com crescimento de 83,8% do ano de 2008 para 2012. Nesse último ano as compras externas cearenses somaram US\$ 2,86 bilhões contra 1,55 bilhão em 2008 (Tabelas 5.1 e 5.2).

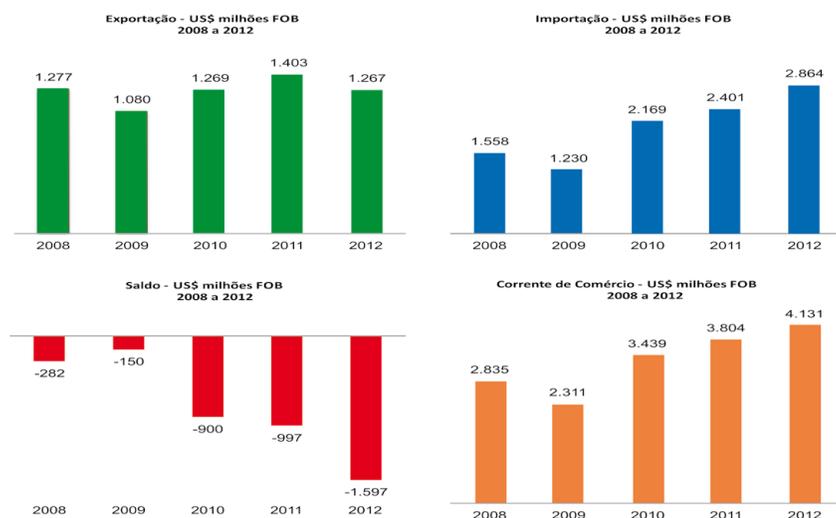
**Tabela 5.2:** Taxa de Crescimento da Balança Comercial - CE/NE/BR – 2008 – 2012

Descrição	Crescimento (%) 2012/2008		
	Ceará	Nordeste	Brasil
Exportação	-0,78	21,50	22,55
Importação	83,79	67,50	29,02
Saldo	467,42	9.560,18	-22,29
Corrente de Comércio	45,70	44,55	25,57

Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração IPECE.

Quando se observa a evolução dos cinco anos em análise, pode-se perceber que o valor das exportações de 2012 foi um dos menores entre esses anos, ficando acima apenas do ocorrido no ano de 2009. Com relação às importações, verificou-se uma tendência crescente, com destaque para o ano de 2012, quando foi registrado o maior valor histórico anual.

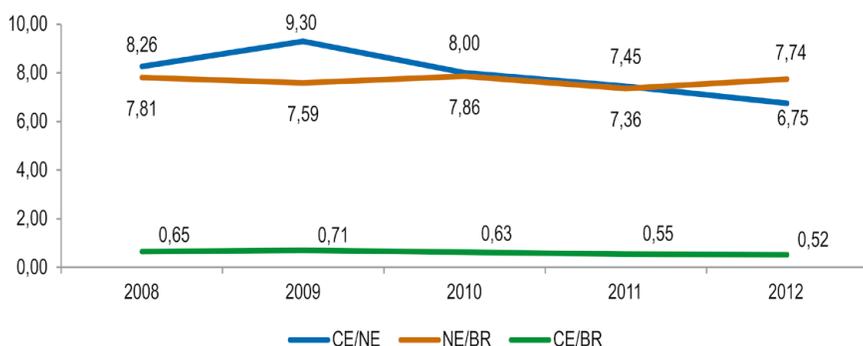
Diante desses valores, o saldo da balança comercial cearense mostrou-se negativa em todos os anos, enquanto a corrente de comércio apresentou tendência de crescimento, influenciada principalmente pelas importações (Gráfico 5.1).

**Gráfico 5.1:** Balança Comercial - Ceará - 2008-2012

Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração IPECE..

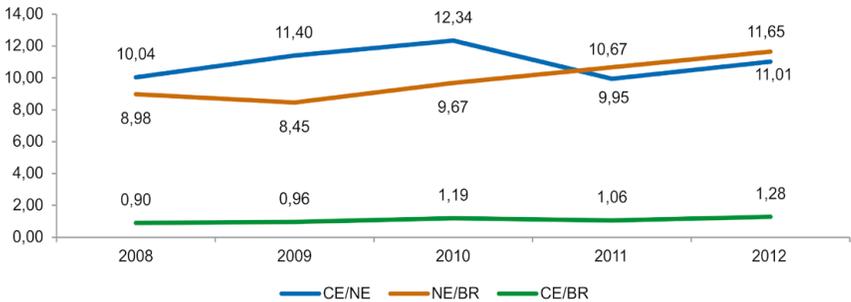
Diante do desempenho das exportações cearenses, a participação caiu de 2008 a 2012, tanto na Região Nordeste, que passou de 8,3% para 6,7%, como no Brasil que era de 0,64% em 2008 e passou para 0,52% em 2012. Enquanto isso, a participação da Região Nordeste no total exportado pelo país registrou um comportamento de estabilidade com leve queda na comparação dos anos de 2008 e 2012, passando de 7,81% para 7,74%. (Gráfico 5.2).

**Gráfico 5.2:** Evolução da Participação das Exportações – CE/NE/BR – 2008 - 2012



Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração IPECE.

As importações do Ceará ao longo dos anos de 2008 a 2012 apresentou ganho de participação no país passando de 0,9% em 2008, para 1,28%, em 2012, resultado do crescimento consistente nesse período. Esse comportamento também foi verificado com relação a Região Nordeste cuja participação também aumentou passando de 10,04% em 2008 para 11,01% em 2012. (Gráfico 5.3). O mesmo vem ocorrendo com a Região Nordeste cuja representatividade nas importações totais do país vem ganhando participação nos últimos três anos, encerrando o ano de 2012 com 11,65% contra os 8,98% observado em 2008. (Gráfico 5.3).

**Gráfico 5.3:** Evolução da Participação das Importações – CE/NE/BR – 2008-2012

Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração IPECE.

## 5.2 EXPORTAÇÕES POR PRODUTOS

As exportações cearenses apresentam como característica setores de baixa intensidade tecnológica com participação ainda tímida de setores de média tecnologia, além de alta concentração de produtos tradicionais de baixo valor agregado. Isso que acaba por impedir o avanço nas vendas externas de determinados produtos que são estratégicos para o real crescimento da economia do Estado.

Ao longo desses cinco anos de estudo, não ocorreu nenhuma mudança quanto aos principais setores exportadores cearenses. Desde 2008 o grupo de calçados vem liderando a pauta de exportações do Ceará, sem oscilações no ranking dos setores a nível local.

Considerando as vendas ao mercado externo, o grupo de calçados se destaca como principal entre os produtos exportados, tanto para o ano de 2008 como para o ano de 2012, com participação em torno de 27%. Em seguida, tem-se o grupo de couros e peles que em 2008 apresentou uma participação de 16,19% e em 2012 de 16,27%. A castanha de caju, que aparece como o terceiro principal produto exportado, quando analisado por setores agregados, aumentou sua participação de 11,46% para 11,73%, entre os anos de 2008 e 2012.

Em termos de variação, o grupo de combustíveis minerais (1.040,51%), preparações alimentícias (69,24%), o de ceras vegetais (66,45%) e consumo de bordo (55,82%) foram os que mais cresceram quando na comparação dos valores vendidos nos anos de 2008 e 2012.

Na Tabela 15 abaixo estão disponíveis os principais itens comercializados, ou seja, os dez grupos com maior valor exportado pelo Ceará em 2012.

Vale destacar a elevada concentração na pauta de produtos exportados cearenses quando esses dez setores responderam por quase 88,0% do total exportado em 2012. (Tabela 5.3).

**Tabela 5.3:** Principais Produtos Exportados pelo Ceará -2008-20012

Produtos	2008		2012		Var. (%) 2012/2008
	US\$ FOB	US\$ FOB	US\$ FOB	Part. (%)	
Calçados e partes	347.041.568	27,18	338.648.951	26,73	-2,42
Couros e peles	205.107.650	16,06	206.179.451	16,27	0,52
Castanha de caju, fresca/ seca, sem casca	146.323.751	11,46	148.575.140	11,73	1,54
Frutas (exceto castanha de caju)	131.757.131	10,32	108.391.032	8,56	-17,73
Têxteis	104.958.910	8,22	72.854.456	5,75	-30,59
Preparações alimentícias	42.075.432	3,29	71.206.649	5,62	69,24
Ceras vegetais	40.156.608	3,14	66.842.620	5,28	66,45
Consumo de bordo	25.226.265	1,98	39.308.822	3,10	55,82
Produtos Metalúrgicos	66.674.312	5,22	32.870.245	2,59	-50,70
Lagostas inteiras, congeladas	37.183.899	2,91	29.037.413	2,29	-21,91
Demais produtos	130.464.816	10,22	153.047.731	12,08	17,31
<b>Ceará</b>	<b>1.276.970.342</b>	<b>100,00</b>	<b>1.266.962.510</b>	<b>100,00</b>	<b>-0,78</b>

Fonte: SECEX/MDIC(\*) Valores em US\$1,00 FOB

### 5.3 EXPORTAÇÕES POR PAÍSES DE DESTINO

Diante do cenário econômico atual, os principais compradores dos produtos cearenses reduziram as suas transações no comércio exterior forçando os empresários cearenses a buscar novos parceiros comerciais.

Pela Tabela 5.4, pode-se observar a evolução dos dez principais destinos das exportações cearenses. Em 2008, as vendas se concentravam em torno dos Estados Unidos e o Ceará ainda exportava para mais 140 países. No ano de 2012 tem-se uma relativa mudança no panorama das exportações cearenses, a começar pelo número de parceiros comerciais, que saltou para 151, revelando de certo modo uma desconcentração e uma diversificação por destino.

Os Estados Unidos continuaram sendo o principal destino dos produtos cearenses em 2012, porém desde 2011 a absorção dos produtos cearenses pelo mercado americano apresenta uma tendência de queda, assim como também para a Argentina que se encontra em meio a uma crise econômica e política. (Tabela 5.4).

**Tabela 5.4:** Principais Destinos das Exportações do Ceará - 2008-2012

2008			2012		
Países	US\$ (FOB)	Part. (%)	Países	US\$ (FOB)	Part. (%)
Estados Unidos	312.641.065	24,48	Estados Unidos	299.150.343	23,61
Argentina	118.667.119	9,29	Argentina	116.443.951	9,19
Reino Unido	115.508.657	9,05	Países Baixos (Holanda)	105.686.126	8,34
Itália	100.656.423	7,88	China	67.397.136	5,32
Países Baixos (Holanda)	87.336.747	6,84	Reino Unido	57.165.162	4,51
Venezuela	37.942.944	2,97	Hungria	45.479.447	3,59
México	36.681.957	2,87	Itália	45.371.102	3,58
Espanha	32.176.432	2,52	Alemanha	43.936.613	3,47
Alemanha	30.390.854	2,38	Provisão de Navios e Aeronaves	37.395.463	2,95
Provisão de Navios e Aeronaves	24.127.119	1,89	Hong Kong	36.689.938	2,90
Demais Países	380.841.025	29,82	Demais Países	412.247.229	32,54
<b>Ceará</b>	<b>1.276.970.342</b>	<b>100,00</b>	<b>Ceará</b>	<b>1.266.962.510</b>	<b>100,00</b>

Fonte: SECEX/MDIC (\*) Valores em US\$ 1,00 FOB.

Dentre os principais produtos vendidos para os EUA em 2012, destacam-se: Castanha de caju; Sucos (sumo) de outras frutas, não fermentadas sem adição de açúcar; Outs calçados. sol. ext. borr/plást. couro natural; Ceras vegetais; Outros couros e peles, int, bovinos, preparos etc e Outras lagostas congeladas, exceto as inteiras.

Em linhas gerais, não houve grandes mudanças nos principais destinos das exportações cearenses nesse período, permanecendo os Estados Unidos, Argentina, Países Baixos (Holanda), China, e Reino Unido entre os cinco maiores compradores. Vale destacar a participação da China que em 2008 não aparecia no grupo dos dez principais destinos, passando a responder por 5,3% do valor total exportado pelo Estado em 2012.

Por fim, em conjunto, esses dez principais destinos responderam por 70,73% do total exportado cearense no ano de 2008, e por 67,46% no ano de 2012, confirmando de certo modo a desconcentração ocorrida e o surgimento de novos parceiros.

#### **5.4 EXPORTAÇÕES POR FATOR AGREGADO**

As exportações detalhadas por fator agregado realçam a tendência de queda em 2012 e redução de 0,78% em comparação ao ano de 2008. As exportações de produtos básicos representaram US\$ 333,41 milhões em 2012, mostrando queda de 1,71% em relação o ano de 2008 e redução de 27,32% frente o ano de 2011. (Gráfico 5.4).

Já as exportações de manufaturados somaram US\$ 601,60 milhões em 2012, reduzindo em 8,03% comparada a 2008 e regredindo em 3,46% com relação ao ano de 2011. Por outro lado, as exportações de semimanufaturados totalizaram US\$ 292,60 milhões em 2012, evoluindo 13,28% frente ao ano de 2008 e um crescimento de 3,69% em relação ao ano de 2011.

As transações especiais registraram US\$ 39,33 milhões em 2012 e crescimento de 55,86% com relação ao mesmo período de 2008.

**Gráfico 5.4:** Exportações por Fator Agregado – Ceará – 2008-2012

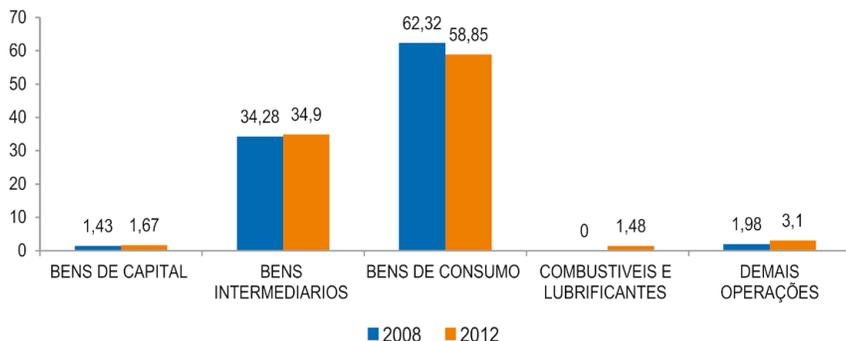
Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração IPECE.

## 5.5 EXPORTAÇÕES POR SETORES DE CONTAS NACIONAIS

Em 2008, as exportações de bens de consumo predominaram entre as vendas externas cearenses, com uma participação de 62,32%. Já em 2012, os bens de consumo registrando a maior participação com leve queda para 58,85%.

Contraopondo-se ao ocorrido, as exportações de bens intermediários tiveram leve aumento em sua participação no período analisado, passando de 34,28% no ano de 2008 para 34,90% em 2012. As exportações de bens de capital continuam com pouca expressividade passando de 1,43% em 2008 para 1,67% em 2012. Ressalte-se ainda a exportação de Combustíveis e lubrificantes que passou a participar com 1,48% da pauta cearense. (Gráfico 5.5).

### Gráfico 5.5: Exportações por Setores de Contas Nacionais - Ceará - 2008-2012



Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração IPECE.

## 5.6 IMPORTAÇÕES POR PRODUTOS

A pauta de importação cearense de 2012 foi liderada pelo grupo de Máquinas, Equipamentos, Aparelhos e Materiais elétricos, com valor de US\$ 834,7 milhões, com participação de 29,1%. Comparando o ano de 2012 com 2008, as importações desses produtos aumentaram 146,6%. Em segundo lugar está o grupo Produtos metalúrgico, com participação de 16,5% e crescimento de 21%.

Vale destacar também o crescimento da importação de Combustíveis minerais, que foi de 710%, comparado ao ano de 2008. Esse aumento foi puxado pela compra de gás natural liquefeito, dado que o Porto do Pecém possui uma base de gaseificação para processar o gás natural importado pela Petrobrás.

**Tabela 5.5:** Principais Produtos Importados pelo Ceará – 2008 – 2012

Principais produtos	2008		2012		Var (%) 2012/2008
	(US\$ FOB)	Part. (%)	(US\$ FOB)	Part. (%)	
Máquinas e Equipamentos	338.470.278	21,72	834.670.152	29,14	146,60
Produtos Metalúrgicos	390.902.897	25,08	472.940.888	16,51	20,99
Combustíveis minerais	48.640.804	3,12	393.979.002	13,76	709,98
Trigos e misturas de trigo c/centeio	234.442.898	15,04	223.830.125	7,81	-4,53
Produtos Químicos	131.835.370	8,46	189.785.320	6,63	43,96
Produtos Têxteis	123.420.694	7,92	158.148.735	5,52	28,14
Óleo de dendê	46.475.401	2,98	68.635.974	2,40	47,68
Plásticos e suas Obras	38.869.438	2,49	64.711.967	2,26	66,49
Veículos e material para vias férreas	43.915	0,00	57.975.186	2,02	-
Castanha de caju	6.519.179	0,42	56.247.313	1,96	762,80
Demais Produtos	198.849.793	12,76	343.331.949	11,99	72,66
<b>Ceará</b>	<b>1.558.470.667</b>	<b>100,00</b>	<b>2.864.256.611</b>	<b>100,00</b>	<b>83,79</b>

Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração IPECE.

Também, ressalta-se a importação de Castanha de caju, que cresceu 762,8% em 2012 na comparação com 2008. Essa compra foi realizada em razão da falta desse insumo no mercado cearense para abastecer a indústria de alimentos (Tabela 5.5).

## 5.7 IMPORTAÇÕES POR PAÍSES DE ORIGENS

Com relação às importações, a China foi o país que mais vendeu para o Ceará tanto no ano de 2008 como em 2012, registrando um crescimento de 137,4% entre esses anos. Desse país foram comprados principalmente Outras turbinas a vapor de potência > 40 mw e Laminados de ferro/aço. Os Estados Unidos e a Argentina ocuparam o segundo e terceiro lugar, respectivamente, tanto em 2008 como em 2012. (Tabela 5.6).

**Tabela 5.6:** Principais Origens das Importações do Ceará – 2008-2012

2008			2012		
Países	Valor (US\$)	Part. (%)	Países	Valor (US\$)	Part. (%)
China	333.260.079	21,38	China	791.210.664	27,62
Estados Unidos	172.651.754	11,08	Estados Unidos	272.847.996	9,53
Argentina	168.827.611	10,83	Argentina	251.036.922	8,76
Índia	155.562.465	9,98	Itália	148.340.567	5,18
Alemanha	84.189.020	5,40	Colômbia	99.036.725	3,46
Ucrânia	70.846.063	4,55	Alemanha	92.402.252	3,23
Espanha	58.052.426	3,72	Turquia	90.082.538	3,15
Colômbia	55.758.943	3,58	Índia	69.968.140	2,44
Canadá	54.370.149	3,49	Nigéria	68.576.738	2,39
África do Sul	49.923.645	3,20	Trinidad e Tobago	68.306.324	2,38
Demais países	355.028.512	22,78	Demais países	912.447.745	31,86
<b>Ceará</b>	<b>1.558.470.667</b>	<b>100,00</b>	<b>Ceará</b>	<b>2.864.256.611</b>	<b>100,00</b>

Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração IPECE.

Os países da Ucrânia, Espanha, Canadá e África do Sul que estavam entre os dez principais países de origem em 2008, não apareceram mais entre os dez principais na pauta de 2012, dando lugar a Itália, Turquia, Nigéria e Trinidad e Tobago. A Colômbia, apesar de passar da 8ª posição em 2008 para 5ª em 2012, manteve a participação em torno de 3,5% das importações cearenses. A Alemanha perdeu uma posição no ranking e perdeu participação em 2012, comparado ao ano de 2008.

Os principais produtos importados dos EUA foram Geradores de corrente alternada; Betume de petróleo e Partes de outros motores/geradores/grupos eletrogeradores. Da Argentina foram adquiridos principalmente Trigos e misturas de trigo c/centeio e Butanos liquefeitos.

Os dez principais países de onde vieram as importações do Ceará no ano de 2008 responderam por 77,2% do valor total importado pelo Estado. Já em 2012 essa participação caiu para 68,1%, indicando uma possível desconcentração.

## 5.8 IMPORTAÇÕES POR FATOR AGREGADO

Quando se analisa por fator agregado observa-se que desde 2008 as importações cearenses de bens industriais responderam por aproximadamente mais de 80% do total cearense, exceto o ano de 2009 em que as importações de bens industriais alcançaram valor abaixo de 80%, ficando o restante de quase 20% para os bens básicos.

**Gráfico 5.6:** Importações por Fator Agregado – Ceará - 2008-2012

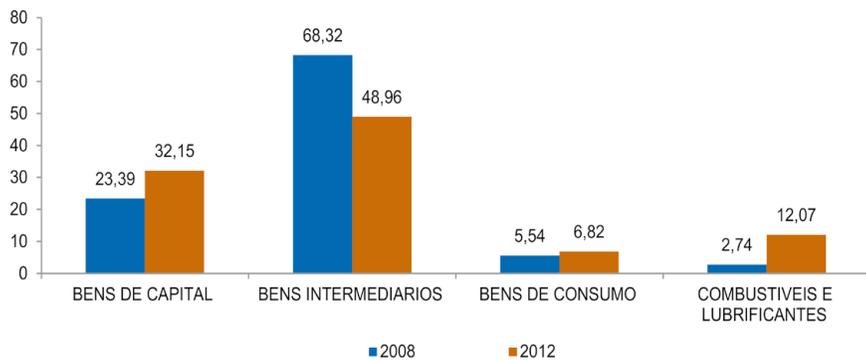


Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração IPECE.

## 5.9 IMPORTAÇÕES POR SETORES DE CONTAS NACIONAIS

Considerando os setores das contas nacionais, a importação do Ceará correspondeu principalmente a produtos de bens intermediários, tanto nos anos de 2008 como 2012. Porém, a participação desse setor caiu de 68,32% em 2008 para 48,96% em 2012.

Houve também mudança estrutural de participação do setor de bens de capital e combustíveis e lubrificantes. Em 2008 a importação de combustíveis e lubrificantes respondia por 2,74% aumentando bastante em 2012 cuja participação passou a ser de 12,07%. A importação de bens de capital também aumentou significativamente passando de 23,39% em 2008, para 32,15% em 2012 (Gráfico 5.7).

**Gráfico 5.7:** Importações por Setores de Contas Nacionais – Ceará - 2008-2012

Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração IPECE.

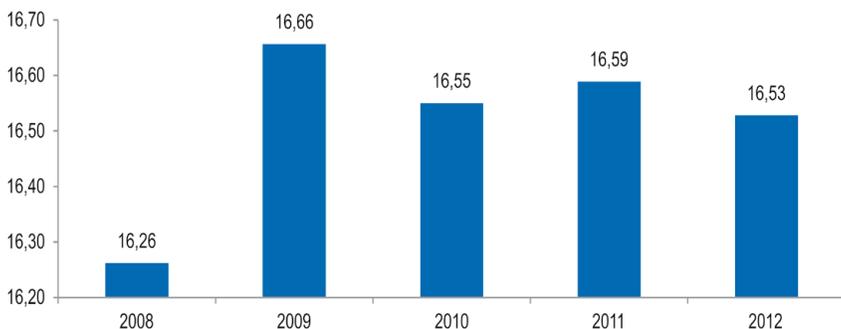
# 6. MERCADO DE TRABALHO

## 6.1 EVOLUÇÃO DO EMPREGO FORMAL

Segundo dados do Relatório Anual de Informações Sociais (RAIS) do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), o estoque de empregos formais no Ceará aumentou de 1.129.999 postos de trabalho em 2008, para 1.423.648 postos de trabalho em 2012, ou seja, uma variação de 25,99% na comparação dos dois anos. Isso representou um incremento de 293.649 novos postos de trabalho formal na economia cearense.

Conforme pode ser visto no Gráfico 6.1 abaixo, o estado do Ceará registrou aumento de participação no estoque total de empregos formais na região Nordeste passando de 16,26% em 2008 para 16,53% em 2012.

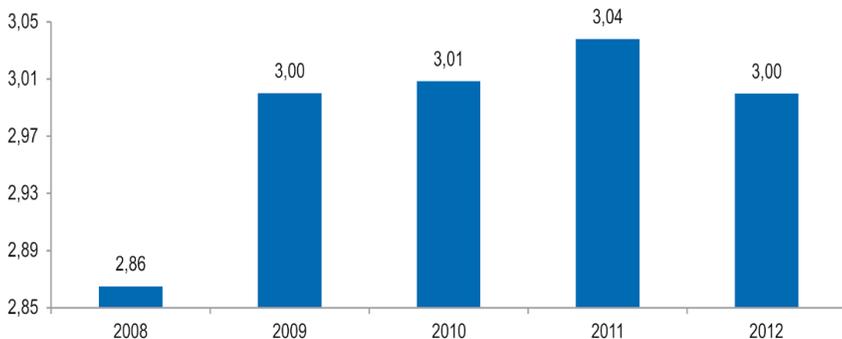
**Gráfico 6.1:** Evolução da participação no estoque de empregos formais – CE/NE – 2008 a 2012



Fonte: RAIS (MTE). Elaboração IPECE.

Como pode ser visto no Gráfico 6.2, o estado do Ceará também aumentou sua participação no estoque total de empregos formais do país, passando de 2,86% em 2008 para 3,0% em 2012.

## Gráfico 6.2: Evolução da participação no estoque de empregos formais – CE/BR – 2008 a 2012



Fonte: RAIS (MTE). Elaboração IPECE.

## 6.2 ANÁLISE REGIONAL DO EMPREGO FORMAL

Segundo dados do Relatório Anual de Informações Sociais (RAIS) do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), o estoque de empregos formais no Brasil passou de 39,4 milhões em 2008, para 47,4 milhões em 2012, ou seja, uma variação de 20,33% na comparação dos dois anos. Isso representou um incremento de 8.017.146 novos postos de trabalho formal na economia do país.

A região do país que registrou maior variação no contingente de empregados formais foi a Norte com variação de 26,07%, seguida pelas regiões Nordeste (+23,96%); Centro-Oeste (+23,87%); Sul (+19,50%); e Sudeste (+18,22%).

Todavia, em termos absolutos, a região que mais aumentou o estoque de vagas formais de trabalho foi a Sudeste com 3.713.789 novos postos de trabalho, contribuindo, assim, com 46,3% da expansão dos empregos formais no país. Os avanços absolutos nas demais regiões deram-se da seguinte forma: Nordeste (+1.664.847 postos de trabalho); Sul (+1.326.856 postos de trabalho); Centro-Oeste (+769.478 postos de trabalho) e Norte (+542.176 postos de trabalho).

Diante esses resultados, a região Nordeste registrou ganho de participação no estoque total de empregos formais no país, passando a ser a segunda colocada no ranking no ano de 2012 com participação de 18,15%, superada apenas pela região Sudeste que registrou participação de 50,78%.

**Tabela 6.1:** Evolução do estoque de empregos formais – Brasil e Regiões – 2008 e 2012

Regiões	2008	Part.(%)	Rank.	2012	Part.(%)	Rank.	Var.(%)
Sudeste	20.386.019	51,69	1º	24.099.808	50,78	1º	18,22
Nordeste	6.948.709	17,62	2º	8.613.556	18,15	2º	23,96
Sul	6.802.842	17,25	3º	8.129.698	17,13	3º	19,50
Centro-Oeste	3.223.987	8,17	4º	3.993.465	8,41	4º	23,87
Norte	2.080.009	5,27	5º	2.622.185	5,53	5º	26,07
Brasil	39.441.566	100,00	---	47.458.712	100,00	---	20,33

Fonte: RAIS (MTE). Elaboração: IPECE.

Pela análise da Tabela 6.2 é possível entender como os empregos formais estão distribuídos entre os estados brasileiros. O estado de São Paulo é o que registrou a maior participação com 29,04% do total dos vínculos formais de trabalho. Em seguida vem os estados de Minas Gerais (10,38%), Rio de Janeiro (9,40%), Paraná (6,39%) e Rio Grande do Sul (6,31%) para fechar as cinco maiores participações. O estado do Ceará ocupou a décima colocação com uma participação de 3% no estoque total de empregos formais no país.

Por outro lado, os estados que registram as menores participações no estoque total de empregos formais no país foram: Roraima, Amapá, Acre, Tocantins e Rondônia.

Em 2008, a participação conjunta dos cinco estados com maiores participações era de 62,46% do estoque total de empregos formais do Brasil, reduzindo-se para 61,53% em 2012. Diante o exposto é possível afirmar que os empregos formais mantiveram-se bastante concentrados em alguns estados brasileiros.

**Tabela 6.2:** Evolução do estoque de empregos formais – Brasil e Estados – 2008 e 2012

Estados	2008	Part.(%)	Rank.	2012	Part.(%)	Rank.	Var.(%)
São Paulo	11.713.163	29,70	1º	13.783.541	29,04	1º	17,68
Minas Gerais	4.184.183	10,61	2º	4.928.225	10,38	2º	17,78
Rio de Janeiro	3.712.383	9,41	3º	4.461.706	9,40	3º	20,18
Paraná	2.503.927	6,35	5º	3.033.665	6,39	4º	21,16
Rio Grande do Sul	2.521.311	6,39	4º	2.993.031	6,31	5º	18,71
Bahia	1.861.452	4,72	6º	2.256.621	4,75	6º	21,23
Santa Catarina	1.777.604	4,51	7º	2.103.002	4,43	7º	18,31
Pernambuco	1.308.771	3,32	8º	1.694.647	3,57	8º	29,48
Goiás	1.135.046	2,88	9º	1.450.065	3,06	9º	27,75
<b>Ceará</b>	<b>1.129.999</b>	<b>2,86</b>	<b>10º</b>	<b>1.423.648</b>	<b>3,00</b>	<b>10º</b>	<b>25,99</b>
Distrito Federal	1.001.083	2,54	11º	1.181.649	2,49	11º	18,04
Pará	845.755	2,14	12º	1.052.344	2,22	12º	24,43
Espírito Santo	776.290	1,97	13º	926.336	1,95	13º	19,33
Mato Grosso	590.538	1,50	14º	744.558	1,57	14º	26,08
Maranhão	540.010	1,37	15º	696.348	1,47	15º	28,95
Paraíba	513.339	1,30	17º	628.047	1,32	16º	22,35
Mato Grosso do Sul	497.320	1,26	19º	617.193	1,30	17º	24,10
Amazonas	510.219	1,29	18º	616.377	1,30	18º	20,81
Rio Grande do Norte	515.227	1,31	16º	602.226	1,27	19º	16,89
Alagoas	425.033	1,08	20º	505.132	1,06	20º	18,85
Piauí	335.632	0,85	21º	418.380	0,88	21º	24,65
Sergipe	319.246	0,81	22º	388.507	0,82	22º	21,70
Rondônia	262.585	0,67	23º	365.142	0,77	23º	39,06
Tocantins	213.125	0,54	24º	246.360	0,52	24º	15,59
Acre	98.724	0,25	25º	125.229	0,26	25º	26,85
Amapá	98.183	0,25	26º	122.956	0,26	26º	25,23
Roraima	51.418	0,13	27º	93.777	0,20	27º	82,38
Brasil	39.441.566	100,00	---	47.458.712	100,00	---	20,33

Fonte: RAIS (MTE). Elaboração: IPECE.

Vale destacar os cinco estados que registraram as maiores variações relativas no estoque de empregos formais no país entre os anos de 2008 e 2012, foram eles: Roraima (+82,38%), Rondônia (+39,06%), Pernambuco (+29,48%), Maranhão (+28,95%) e Goiás (+27,75%). O estado do Ceará registrou o oitavo maior crescimento entre os dois anos analisados e terceiro da região Nordeste.

Por outro lado, as cinco menores variações foram observadas nos estados de Tocantins (+15,59%), Rio Grande do Norte (+16,89%), São Paulo (+17,68%), Minas Gerais (+17,78%) e Distrito Federal (+18,04%).

Todavia, quando se analisa a variação absoluta, ou seja, o avanço no estoque total de empregos formais, o estado de São Paulo ocupou o primeiro lugar no ranking nacional ao gerar 2.070.378 de empregos formais a mais entre os dois anos. Em seguida tivemos os estados do Rio de Janeiro com 749.323 postos, Minas Gerais com 744.042 postos, Paraná com 529.738 postos, e Rio Grande do Sul com 471.720 postos.

As menores variações absolutas foram observadas nos estados do Amapá com 24.773 postos, Acre com 26.505 postos, Tocantins com 33.235 postos, Roraima com 42.359 postos e Sergipe com 69.261 postos.

O estado do Ceará teve o décimo maior avanço absoluto no estoque de empregos formais com incremento de 293.649 novos postos de trabalho formais entre os dois anos analisados.

Ao se analisar a Tabela 6.3 é possível conhecer a distribuição espacial dos empregos formais existentes no estado do Ceará. É nítida a elevada concentração dos empregos formais na Região Metropolitana de Fortaleza, seguida pela participação do Noroeste Cearense (8,43%) e Sul Cearense (6,88%).

**Tabela 6.3:** Evolução do estoque de empregos formais - Mesorregiões - Ceará - 2008 e 2012

Mesorregião	2008	Part.(%)	Rank.	2012	Part.(%)	Rank.	Var.(%)
Metropolitana de Fortaleza	761.772	67,41	1º	983.345	69,07	1º	29,09
Noroeste Cearense	99.414	8,80	2º	120.031	8,43	2º	20,74
Sul Cearense	75.880	6,72	3º	98.000	6,88	3º	29,15
Norte Cearense	71.262	6,31	4º	86.907	6,10	4º	21,95
Jaguaribe	49.826	4,41	5º	54.438	3,82	5º	9,26
Sertões Cearenses	44.601	3,95	6º	53.216	3,74	6º	19,32
Centro-Sul Cearense	27.244	2,41	7º	27.711	1,95	7º	1,71
<b>Ceará</b>	<b>1.129.999</b>	<b>100,00</b>	<b>---</b>	<b>1.423.648</b>	<b>100,00</b>	<b>---</b>	<b>25,99</b>

Fonte: RAIS (MTE). Elaboração: IPECE.

A mesorregião Sul foi a que registrou maior variação relativa entre os anos analisados de 29,15%. Todavia, em termos absolutos a RMF registrou um incremento de 221.573 novos postos de trabalho formal na mesma comparação.

### 6.3 ANÁLISE SETORIAL DO EMPREGO FORMAL

Pela análise da Tabela 6.4 é possível compreender como é a distribuição setorial dos empregos formais na economia cearense. O setor de Serviços registrou uma participação de 30,09% do total de empregos em 2012, contra uma participação de 27,26% em 2008. Em seguida aparece a Administração pública com uma participação de 26,32% em 2012, contra uma participação de 31,53% em 2008.

**Tabela 6.4:** Evolução do estoque de empregos formais por setores - Ceará - 2008 e 2012

Setores	2008	Part. (%)	Rank.	2012	Part. (%)	Rank.	Var.(%)
Serviços	307.988	27,26	2º	428.420	30,09	1º	39,10
Administração Pública	356.239	31,53	1º	374.726	26,32	2º	5,19
Indústria de transformação	215.542	19,07	3º	258.974	18,19	3º	20,15
Comércio	169.887	15,03	4º	245.784	17,26	4º	44,67
Construção Civil	45.715	4,05	5º	81.400	5,72	5º	78,06
Agropecuária, extração vegetal, caça e pesca	25.510	2,26	6º	24.995	1,76	6º	-2,02
Serviços industriais de utilidade pública	6.518	0,58	7º	6.222	0,44	7º	-4,54
Extrativa mineral	2.600	0,23	8º	3.127	0,22	8º	20,27
<b>Ceará</b>	<b>1.129.999</b>	<b>100,00</b>	<b>---</b>	<b>1.423.648</b>	<b>100,00</b>	<b>---</b>	<b>25,99</b>

Fonte: RAIS (MTE). Elaboração: IPECE.

A participação conjunta desses dois setores era de 58,78% em 2008, tendo registrado uma leve queda para 56,41% em 2012. Com isso, é possível observar que os empregos formais cearenses encontram-se ainda bastante concentradas em apenas dois setores.

Ainda conforme a tabela 4 é possível observar que o setor que registrou a maior variação absoluta no total de empregos formais entre os anos de 2008 e 2012 foi o setor da Construção civil com variação de 78,09% bastante impulsionada pelas políticas de aquisição da casa própria do governo federal. Em seguida vem os setores de Comércio e Serviços com variações de 44,67% e 39,1%, respectivamente.

O setor de Serviços foi o setor que deu a maior contribuição para o aumento no estoque de empregos formais na economia cearense entre os anos de 2008 e 2012 num total de 120.432 postos de trabalho a mais entre os dois anos. Logo, em seguida aparecem os setores de Comércio (+75.897 postos de trabalho); Indústria de transformação (+43.432 postos de trabalho); e Construção civil (+35.685 postos de trabalho). Na contramão temos os setores que registraram

redução no estoque de empregos formais: Agropecuária, extração vegetal, caça e pesca (-515 postos de trabalho); e Serviços industriais de utilidade pública (-296 postos de trabalho).

# 7. FINANÇAS PÚBLICAS

## 7.1 RESULTADO FISCAL

O ano de 2012 encerrou-se com a obtenção de um resultado primário<sup>1</sup> acumulado da ordem de R\$ 621,0 milhões. Verifica-se pelo Gráfico 7.1 que entre os anos de 2008 e 2010 o Estado do Ceará obteve valores declinantes no resultado primário, porém, em 2011, houve um sensível crescimento do mesmo. Já em 2012, houve uma redução do resultado primário se alinhando com a tendência de queda verificada antes de 2011.

**Gráfico 7.1:** Resultado Primário a preços constantes - Ceará - 2008-2012 (\*)



Fonte:Sefaz. Elaboração: IPECE.

(\*) R\$ milhões, corrigidos pelo IPCA a preços de 2012.

## 7.2. RECEITAS

Para melhor qualificar o superávit primário do Estado do Ceará é necessário compreender a dinâmica das receitas e despesas do Governo, assim detendo-se primeiro nas receitas observa-se, pela Tabela 7.1, que elas cresceram entre os anos de 2008 e 2011 e apresentaram uma forte redução no ano de 2012. É interessante observar que essa redução foi causada pela redução de 24,6% das transferências

<sup>1</sup> O Resultado Primário é a diferença entre as receitas e as despesas, ambas não financeiras.

correntes, que são recursos do Governo Federal repassados para o Governo Estadual, dado que os recursos provenientes de receitas tributárias (ICMS e IPVA) apresentaram, em 2012, um crescimento de 7,9%, ou seja, os recursos disponíveis pelo Governo Estadual para financiar a provisão de bens públicos foram reduzidos apesar do esforço para aumentar a arrecadação própria.

**Tabela 7.1:** Taxa de crescimento anual das receitas e seus principais componentes – 2008-2012 (\*)

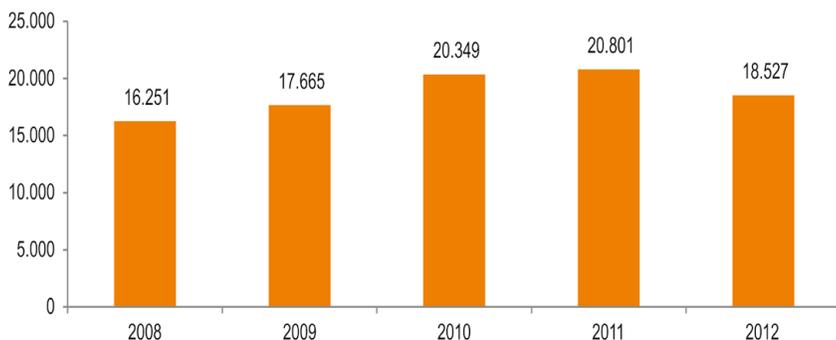
Anos	Receita Orçamentária	Receita Corrente	Receita Tributária	ICMS	IPVA	Transferências Correntes	FPE
2008	12,72%	13,25%	13,76%	13,59%	15,04%	12,52%	15,69%
2009	8,70%	1,99%	4,03%	3,24%	13,01%	-1,78%	-8,11%
2010	15,19%	10,80%	14,36%	14,33%	6,47%	6,78%	2,61%
2011	2,22%	6,52%	5,23%	3,78%	13,44%	10,99%	15,51%
2012	-10,93%	-10,33%	7,90%	6,90%	10,05%	-24,26%	-2,18%

Fonte: Sefaz-Sic/Smart. Elaboração: IPECE.

(\*) Taxas de crescimento real, corrigidos pelo IPCA a preços de 2012.

No Gráfico 7.2 é possível observar os valores absolutos da receita orçamentária do Estado do Ceará no período em análise, dessa forma é possível constatar que a queda de 10,9% dessas receitas, em 2012, representou um total de 2,3 milhões de Reais a menos nesse ano.

**Gráfico 7.2:** Receita Orçamentária a preços constantes - Ceará - 2008-2012 (\*)

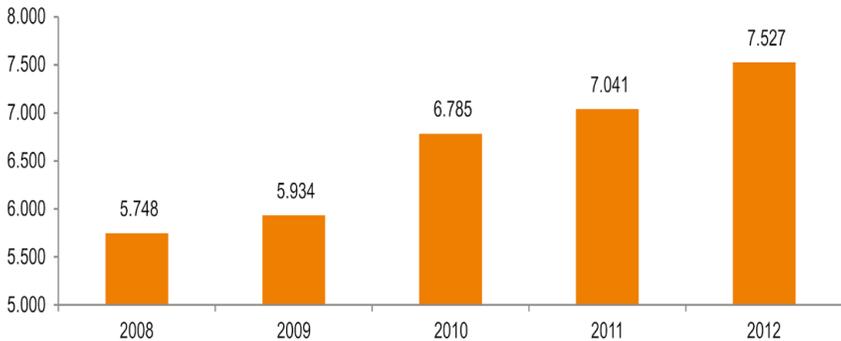


Fonte: Sefaz. Elaboração: IPECE.

(\*) R\$ milhões, corrigidos pelo IPCA a preços de 2012.

A principal receita orçamentária do Governo do Ceará é a arrecadação de ICMS que, em 2012, respondia por 40,6% das receitas orçamentárias. No Gráfico 7.3, constata-se que as receitas provenientes dessa fonte cresceram de 5,74 bilhões de Reais, em 2008, para 7,52 bilhões de Reais, em 2012, tendo sido registrado crescimento em todos os anos dessa série.

**Gráfico 7.3:** ICMS a preços constantes - Ceará - 2008-2012 (\*)

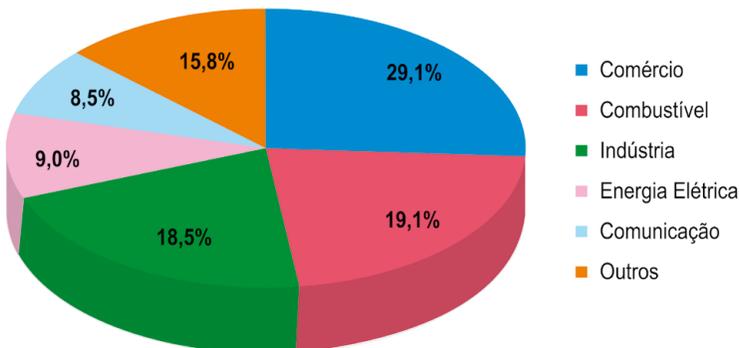


Fonte:Sefaz. Elaboração: IPECE.

(\*) R\$ milhões, corrigidos pelo IPCA a preços de 2012.

Quanto a composição das origens do ICMS, ver Gráfico 7.4, observa-se que 66,7% de sua arrecadação provêm conjuntamente dos setores do comércio, da vendas de combustíveis e da indústria.

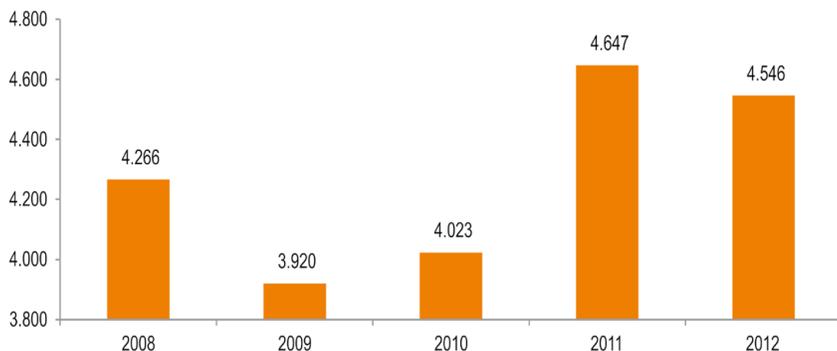
**Gráfico 7.4:** Composição do ICMS do Ceará em 2012



Fonte:Sefaz-Sic/Smart. Elaboração: IPECE.

Quanto às receitas de transferências a mais importante são as provenientes do FPE (Fundo de Participação dos Estados) que representaram, em 2012, 24,5% das receitas orçamentárias do Estado. Com relação ao comportamento das receitas dessa fonte, ver Gráfico 7.5, observa-se que nos anos de 2009 e 2012 houve redução dos repasses do FPE com relação ao ano anterior.

**Gráfico 7.5:** FPE a preços constantes - Ceará - 2008-2012 (\*)



Fonte: Sefaz-Sic/Smart. Elaboração: IPECE.

(\*) R\$ milhões, corrigidos pelo IPCA a preços de 2012.

### 7.3. DESPESAS

Relativamente ao comportamento das despesas orçamentárias do Governo do Ceará observa-se, ver Tabela 7.2, que ela teve um forte crescimento entre os anos de 2008 e 2010, apresentando uma queda de 1,9%, em 2011, e um leve crescimento em 2012. Ainda na Tabela 7.2 é possível constatar que a principal causa do crescimento das despesas orçamentárias, entre 2008 e 2010, foi o comportamento dos investimentos que cresciam a taxas superiores a 50% ao ano. Já em 2011 e 2012, esse componente dos gastos orçamentários teve queda de 22% e 26%, respectivamente.

**Tabela 7.2:** Taxa de Crescimento Anual das Despesas e seus Principais Componentes – 2008-2012 (\*)

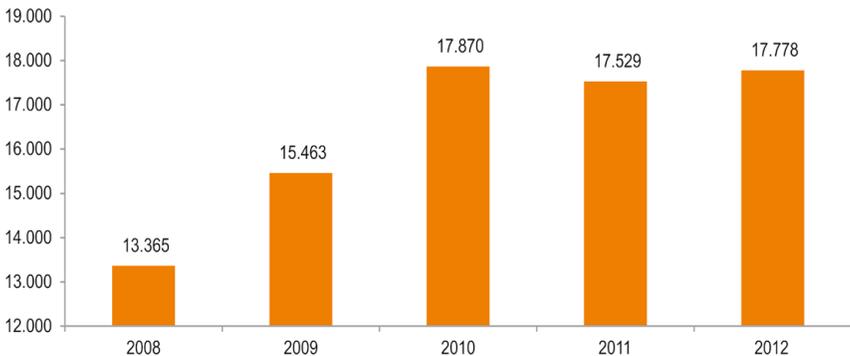
Anos	Despesa Orçamentária	Despesas Correntes	Pessoal e Encargos Sociais	Outras Despesas Correntes	Investimentos
2008	14,32%	11,36%	12,14%	11,79%	58,26%
2009	15,70%	8,45%	8,65%	9,39%	75,50%
2010	15,56%	11,89%	9,80%	15,13%	56,10%
2011	-1,91%	3,06%	3,90%	1,88%	-22,57%
2012	1,42%	4,80%	-0,64%	11,11%	-26,88%

Fonte:Sefaz-Sic/Smart. Elaboração: IPECE.

(\*) Taxas de crescimento real, corrigidos pelo IPCA a preços de 2012.

As despesas correntes, outro importante componente das despesas orçamentárias, apresentou crescimento durante todo o período, mas a taxa decaiu de 11,36%, em 2008, para 4,8%, em 2012. É interessante observar que os gastos com pessoal e encargos sociais tem sua taxa de crescimento decaindo desde 2008, passando a registrar queda em 2012, assim o comportamento das despesas correntes é explicado principalmente pela dinâmica das Outras Despesas Corrente.

Em termos absolutos, como pode ser verificado no Gráfico 7.6, a despesa orçamentária do Ceará cresceu de 13,3 bilhões de Reais, em 2008, para 17,8 bilhões de Reais, em 2010, permanecendo nesse patamar nos dois anos seguintes da série.

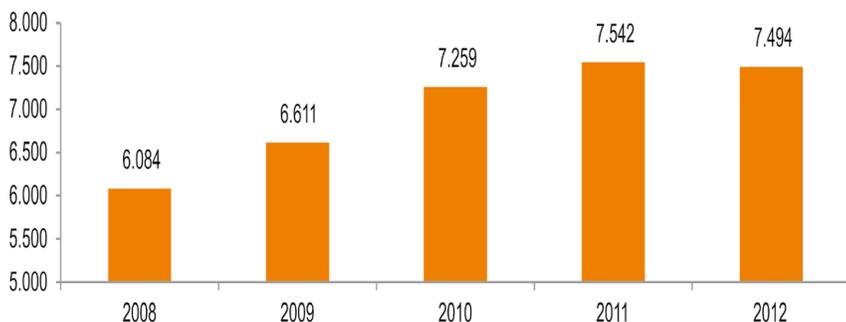
**Gráfico 7.6:** Despesa Orçamentária a preços constantes - Ceará - 2008-2012 (\*)

Fonte:Sefaz-Sic/Smart. Elaboração: IPECE.

(\*) R\$ milhões, corrigidos pelo IPCA a preços de 2012.

Já as despesas com pessoal, ver Gráfico 7.7, cresceram de 6,0 bilhões de Reais, em 2008, para 7,5 bilhões de Reais, em 2011, apresentando uma leve redução no ano seguinte.

**Gráfico 7.7:** Despesa com Pessoal e Encargos Sociais - Ceará - 2008-2012 (\*)

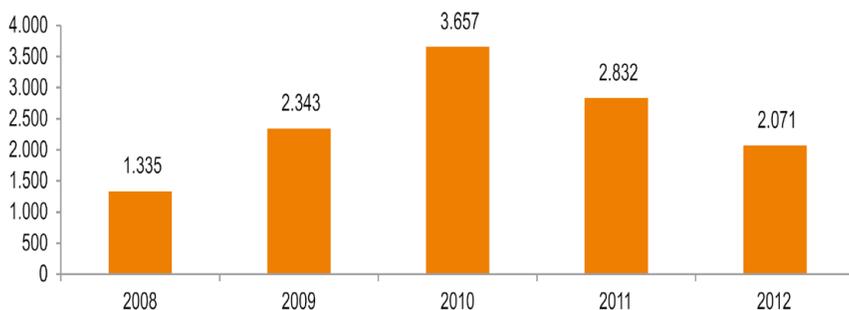


Fonte:Sefaz-Sic/Smart. Elaboração: IPECE.

(\*) R\$ milhões, corrigidos pelo IPCA a preços de 2012.

Já as despesas com investimentos, ver Gráfico 7.8, aumentaram de 1,3 bilhões de Reais, em 2008, para 3,6 bilhões de Reais, em 2010, desde então esses valores vem se reduzindo até alcançar a quantia de 2,0 bilhões, em 2012, entretanto deve-se observar que as despesas de investimentos nesse último ano representaram mais de 11% das despesas orçamentárias estaduais.

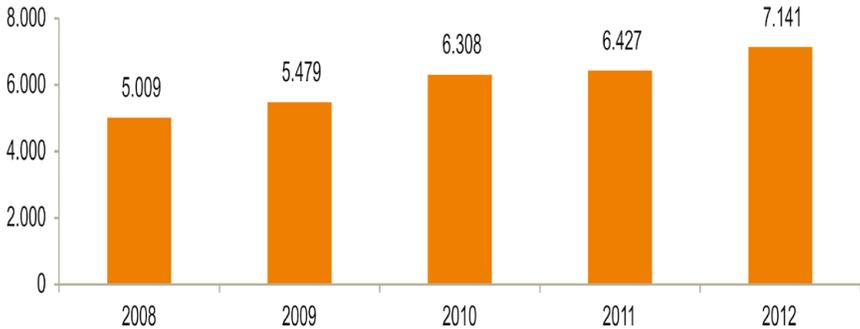
**Gráfico 7.8:** Despesas com Investimentos - Ceará - 2008-2012 (\*)



Fonte:Sefaz-Sic/Smart. Elaboração: IPECE. (\*) R\$ milhões, corrigidos pelo IPCA a preços de 2012.

Por fim, como é possível observar no Gráfico 7.9, as outras despesas correntes cresceram, no período de 2008 a 2012, de 5,0 bilhões de Reais para 7,1 bilhões de Reais.

**Gráfico 7.9:** Outras Despesas Correntes - Ceará - 2008-2012 (\*)



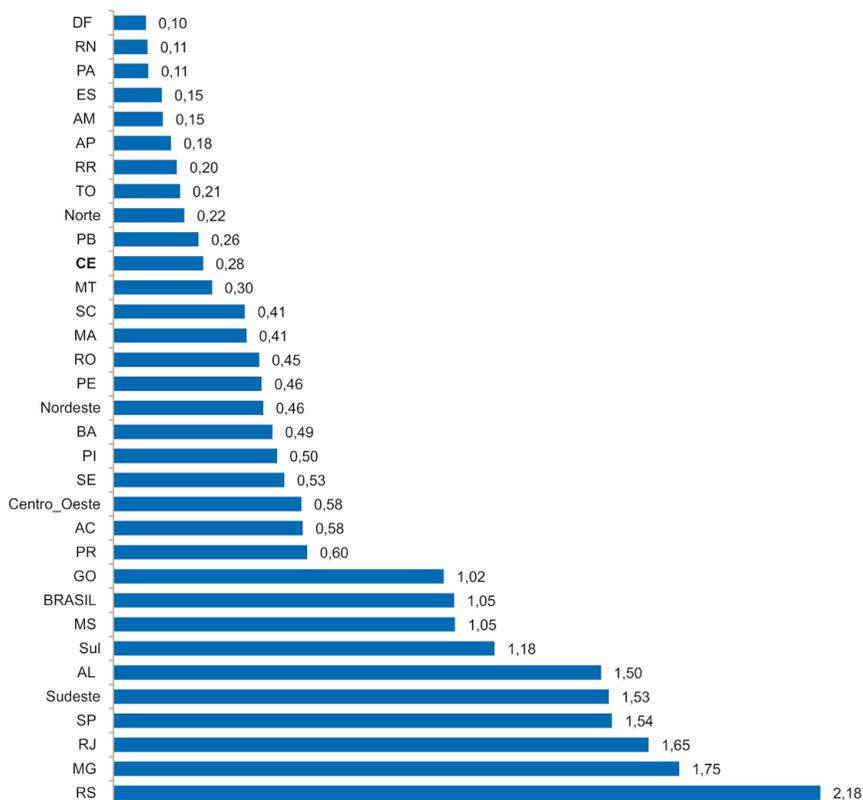
Fonte: Sefaz-Sic/Smart. Elaboração: IPECE.

(\*) R\$ milhões, corrigidos pelo IPCA a preços de 2012.

## 7.4 DÍVIDA PÚBLICA

A dívida pública dos estados brasileiros, conforme dita a Lei de Responsabilidade Fiscal, é limitada ao teto de duas vezes a Receita Corrente Líquida (RCL). Tratando-se especificamente do Estado do Ceará, pode-se observar, pelo Gráfico 7.10, que ele está muito abaixo desse limite, dado que sua dívida representa apenas 0,28 de sua RCL. É interessante observar que esse valor é inferior à média dos estados nordestinos, cuja razão é de 0,46, e da média brasileira, cujo índice é de 1,05.

### Gráfico 7.10: Dívida Consolidada Líquida (DCL) em relação à Receita Corrente Líquida (RCL), Estados da Federação (\*)



Fonte: Secretaria do Tesouro Nacional (STN). Elaboração: IPECE.

(\*) Posição em 31/12/2012

Dada essa informação é possível concluir que o Governo do Ceará possui uma considerável margem para contratar novos financiamentos que podem permitir a manutenção dos investimentos públicos no Estado para os próximos anos.

## 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A economia cearense registrou nos últimos cinco anos uma dinâmica de crescimento superior a alcançada pelo país, isso resultou em aumento de participação tanto no valor do PIB quanto no PIB *per capita* entre os anos de 2008 e 2012. Todavia, ainda é evidente a elevada concentração da geração de riqueza na Região Metropolitana de Fortaleza.

O ano de 2012 foi marcado por uma forte estiagem que comprometeu a produção de grãos e inclusive a produção pecuária. A situação positiva observada em 2011 não conseguiu amenizar a força com que a estiagem se apresentou em 2012 com seus efeitos agudos. Aliás, a escassez de chuvas e todos seus efeitos distanciaram as lembranças da boa safra do ano anterior para um passado remoto.

Como não houve acúmulo de água nos dois anos anteriores até mesmo o abastecimento de água para consumo humano ficou comprometido. A pecuária também se ressentiu e se verificou uma queda na produção.

Estiagens na proporção da observada em 2012 podem ter provocado a desestruturação de um grande número de produtores. Além disso, a severidade da estiagem pode representar um efeito mais profundo, com rupturas e retrocesso de vários avanços alcançados em termos de adoção de tecnologias, organização do produtor e capitalização do produtor.

Todavia, a indústria cearense apresentou resultados positivos nos anos analisados. Tal comportamento foi fortemente influenciado pela trajetória de crescimento experimentada pela atividade da Construção civil, influenciada, dentre outros, pelo volume de investimentos realizados pelo governo estadual.

Já o segmento da transformação segue na direção oposta, sem conseguir preservar taxas positivas de crescimento na produção.

Afetada pelos desdobramentos da crise internacional, pela deterioração das expectativas e por problemas de competitividade, a atividade acumulou três anos de redução na produção entre 2008 e 2012. Por outro lado, a perda de dinamismo na produção ainda não alcançou o mercado de trabalho. Neste contexto, a preservação dos postos de trabalho é um resultado bastante positivo.

Dentro do setor de Serviços vale destacar o bom desempenho das vendas do varejo cearense no ano de 2012, que registrou taxas de crescimento anual superior na comparação com o ano anterior, tendo esse comportamento também sido observado no varejo nacional.

Os setores que mais contribuíram com o bom desempenho das vendas do varejo cearense no ano de 2012 foram: Eletrodomésticos; Combustíveis e lubrificantes; Móveis; Material de construção; e Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos.

Todavia, apesar do bom desempenho do volume e da receita nominal de vendas tanto do varejo comum quanto do varejo ampliado, vale destacar que o varejo local vem gradativamente ganhando cada vez menos participação no varejo nacional. Isso é claramente perceptível pela tendência de convergência da trajetória da taxa de crescimento no acumulado dos últimos 12 meses, quando em 2012 as taxas de crescimento chegaram a si igualar no varejo comum e ficaram muito próximas no varejo ampliado.

No que tange ao comércio exterior, é possível concluir que o valor das exportações cearenses apresentou comportamento praticamente estável ao longo dos anos de 2008 a 2012. Isto pode ser explicado, em parte, pelas crises econômicas ocorridas nesse período quando as principais potências econômicas estavam envolvidas, inviabilizando assim o aumento das vendas externas cearenses. Com relação às importações, verificou-se uma forte tendência de crescimento, com destaque para o recorde de compras registradas no ano de

2012. Diante desses valores, o saldo da balança comercial cearense mostrou-se negativa em todos os anos investigados, enquanto a corrente de comércio apresentou tendência de alta quase que totalmente em função das importações.

O Ceará exportou, em sua maioria, bens de consumo, tanto no ano de 2008 como em 2012. Quanto às importações, o Ceará importou mais bens intermediários, embora tenha apresentando uma redução da participação desse setor no ano de 2012, comparado ao ano de 2008. Enquanto isso, as compras externas de bens de capital apresentaram um aumento de participação, indicando um aumento no investimento da economia do Ceará.

Em relação ao mercado de trabalho, considerando o estoque de empregos formais, é possível destacar que de cada quatro empregos formais existentes no Estado do Ceará no ano de 2012, um foi gerado no período entre os anos de 2008 e 2012. Em termos absolutos o maior responsável pelo aumento no estoque de empregos formais no Ceará foi o setor de Serviços. Todavia, em termos relativos a Construção civil, seguida pelo Comércio e pela Indústria de transformação deram significativa contribuição. Na comparação dos anos de 2008 e 2012 foi nítido aumento de participação do estoque de empregos formais do Ceará tanto na região Nordeste quanto no total do país.

Depois de se analisar a gestão das finanças públicas do Estado foi possível constatar que o superávit primário do Governo cearense vem caindo, com exceção do ano de 2011, ano após ano, e que o valor observado em 2012 foi fortemente influenciado por uma queda de 10,9% das receitas orçamentárias e uma elevação de 1,4% das despesas naquele ano.

Por fim, deve-se ainda observar que o crescimento das despesas correntes foi o principal responsável pelo incremento das despesas orçamentárias de 2012. Também é interessante observar que esse crescimento pode ter sido influenciado pelos gastos com

investimentos dos anos anteriores, dado que à medida que os novos equipamentos vão entrando em funcionamento é necessário realizar novas despesas para sua manutenção e operação, pressionando as despesas correntes do Estado agora e em anos futuros.

Diante a crise vivenciada pela economia mundial e brasileira é possível concluir que a dinâmica de crescimento da economia cearense não foi afetada principalmente em função dos investimentos públicos que foram realizados aqui no estado o que se traduziu em maior consumo e maior geração de empregos blindando em parte os efeitos dessa crise.